



CENTRO DE ESTUDO SUPERIOR DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA- FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS DA EJA:
Percepções de alunos e professores da Escola
Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Caetano
Corrêa, Itaituba Pará.**

ADRIANE PEREIRA DA SILVA

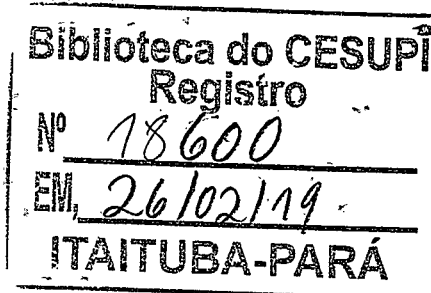
ADRIANE PEREIRA DA SILVA



**LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS DA EJA:
Percepções de alunos e professores da Escola
Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Caetano
Corrêa, Itaituba Pará.**

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia apresentada à Faculdade de
Itaituba para obtenção do título Licenciada Plena em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dhemesbraene Soares da Silva,
Esp.



ITAITUBA-PA
2017



FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Autorizado e credenciado – Portaria MEC Nº 2557 de 15/09/2003.
Av. Dr. Governador Fernando Guilhon, 895
Jardim das Araras – Itaituba - Pará.
Site: www.unifait.edu.br/ E-mail: fai@unifait.edu.br

Acadêmica: ADRIANE PEREIRA DA SILVA

**TÍTULO: LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS DA EJA:
Percepções de alunos e professores da Escola Municipal de Ensino
Fundamental Joaquim Caetano Corrêa, Itaituba Pará.**

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia apresentada à Faculdade de
Itaituba para obtenção do título Licenciada Plena em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dhemesbraene Soares da Silva,
Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof. Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva,

Orientador: _____ Nota: _____
Prof. Esp. Dhemesbraene Soares da Silva,

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Esp. Lúcia Maria Costa Cruz,

Resultado: _____ Média: _____

Data: 04 de março de 2017.

Dedico a todos que contribuíram para esse processo ensino aprendido de forma direta ou indiretamente, principalmente aos professores mestres nos saberes que não mediram esforços em transmitir seus conhecimentos que me ajudaram na conclusão desta monografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu forças para a conclusão deste trabalho.

Agradeço aos meus pais Rosinete Pereira dos Santos e Benedito de Jesus Nobre da Silva que me deram o maior apoio no que precisava.

Agradeço ao meu namorado Alfredo Azevedo dos Santos por ter ajudado nos meus relatórios de estágio e ficar até tarde acordado estudando comigo.

Agradeço ao meu padrinho Raimundo Paixão dos Anjos Pereira que foi o maior responsável em chegar no ensino superior, pois o mesmo incentivou eu prosseguir meus estudos mesmo diante do problema que enfrentava.

Agradeço ao meu orientador Dhemesbraene Soares da Silva que não mediu esforços em repassar seus conhecimentos e esclarecendo minhas duvidas, sempre me motivando para a conclusão desta monografia.

Agradeço ao coordenador do curso Dr. Francisco Claudio de Sousa Silva que ministrou a disciplina EJA e monografia, um dos principais responsável pela escolha do meu tema.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida.

A educação é essencial e é insubstituível. Dentre todas as práticas culturais da vida humana e da experiência de sociedades como a nossa, dificilmente alguma outra será tão insubstituível quanto a educação. (BRANDÃO, 2002: 187).

SILVA, Adriane Pereira da. LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS DA EJA: Percepções de alunos e professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Caetano Corrêa. Monografia de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba – FAI, Itaituba – Pará. 2017.

RESUMO

O Presente trabalho tem como objetivo analisar nas concepções de alunos e professores sobre a prática do letramento na EJA, com foco na Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Caetano Corrêa, Itaituba-PA. Os procedimentos metodológicos aplicados foi pesquisa bibliográfica e de campo, sendo aplicados questionários para professores e alunos. O resultado do trabalho mostrou que a Educação de Jovens e Adultos ainda é vista por muitos como uma forma de alfabetizar quem não teve a oportunidade de estudar na infância ou aqueles que por algum motivo tiveram que abandonar a escola. Felizmente, o conceito vem mudando e, entre os grandes desafios desse tipo de ensino, agora se inclui também a preparação dos alunos para o mercado de trabalho. Hoje se sabe o valor da aprendizagem contínua em todas as fases da vida, e não somente durante a infância e a juventude.

PALAVRAS-CHAVES: Educação, EJA, Letramento, Processo de Ensino.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01:	O que o levou a escolher a EJA para lecionar?.....	37
QUADRO 02:	Qual o papel do professor ao lecionar na turma da EJA?.....	37
QUADRO 03:	Qual o seu maior desafio em lecionar como professor da EJA?.....	38
QUADRO 04:	Você acredita que a EJA traz relevância para a vida pessoal dos alunos?.....	39
QUADRO 05:	De que forma os jovens e adultos se integram no mundo por meio da aprendizagem da leitura e da escrita?.....	39
QUADRO 06:	Como o educador desenvolve a leitura e a escrita em jovens e adultos?.....	40
QUADRO 07:	Enquanto professor da EJA quais as maiores dificuldades que você tem encontrado?.....	40
QUADRO 08:	Quais os métodos que você utiliza para trabalhar com os alunos da EJA?.....	41
QUADRO 09:	Que atitudes a escola tem tomado no sentido de ampliar as práticas do letramento?.....	41
QUADRO 10:	Teve, em alguma fase da vida, que interromper os estudos?	47
QUADRO 11:	Por que você escolheu o turno da tarde para estudar?.....	48
QUADRO12	Como são as aulas na Educação de Jovens e Adultos (EJA)?	48
QUADRO13	A forma de avaliação utilizada?.....	49

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01:	Tempo de atuação na EJA?.....	36
GRÁFICO 02:	Quais os maiores problemas/desafios encontrados com relação aos alunos da EJA?.....	38
GRÁFICO 03:	Qual a porcentagem de alunos consegue concluir a EJA?....	42
GRÁFICO 04:	Qual a sua série?.....	43
GRÁFICO 05:	Como você percebe seu professor?.....	43
GRÁFICO 06:	Você tem incentivo dos seus pais para estudar?.....	44
GRÁFICO 07:	Você gosta de estudar?.....	44
GRÁFICO 08:	Você trabalha?.....	45
GRÁFICO 09:	Até onde você deseja ir com seus estudos?.....	45
GRÁFICO 10:	Você está satisfeito com a forma de gerenciamento de sua escola?.....	46
GRÁFICO 11:	Como está sendo sua aprendizagem?.....	46
GRÁFICO 12:	Como é a relação professor-aluno?.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 ABORDAGEM HISTÓRICA DA EJA.....	12
1.1 UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL.....	12
1.2 AS LEGISLAÇÕES.....	15
1.3 DESTAQUES ATUAIS DA EJA.....	17
1.4 REFLEXÕES SOBRE LETRAMENTO.....	21
2 OS DESAFIOS DO LETRAMENTO NA EJA.....	26
2.1 COMO ALFABETIZAR LETRANDO.....	26
2.2 VIVÊNCIA E DESAFIOS DO LETRAMENTO.....	27
2.3 A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO.....	29
2.4 ESTRATÉGIAS DE LEITURA E ESCRITAS.....	31
3 LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS DA EJA: PERCEPÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL JOAQUIM CAETANO CORRÊA, ITAITUBA PARÁ.....	34
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.....	34
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	35
3.3 RESULTADOS DA PESQUISA.....	36
3.3.1 Percepção dos Professores.....	36
3.3.2 Percepção dos Alunos.....	42
3.4 PROPOSTAS.....	55
CONCLUSÃO.....	51
BIBLIOGRAFIA.....	53
APÊNDICES.....	56

INTRODUÇÃO

A escolha deste tema foi a identificação pelo mesmo e a necessidade de aprofundamento como futura educadora, por entender que alfabetização e letramento serão conhecimentos importantes na profissão, seja como docente ou gestora de Escola da Educação Básica. Busca-se compreender melhor este processo de ensino com a ajuda de artigos, autores, os quais me possibilitaram uma maior compreensão à respeito do assunto, fortalecida também, pela trajetória de uma pesquisa de campo num espaço alfabetizador.

A Educação de Jovens e Adultos se apresentou como uma possibilidade capaz de resolver todos os problemas a nível de educação de jovens e adultos. As mudanças se processaram rapidamente, e logo esta modalidade passou a ser vista com descrença como fator importante na formação e valorização cultural dos estudantes, e ainda por alguns momentos professores e estudantes chegaram a acreditar que não havia mais lugar para EJA, já que o insucesso da prática pedagógica era apontado como o mais provável caminho.

O objetivo desse trabalho de conclusão de curso é analisar as concepções de alunos e professores sobre a prática do letramento na EJA, com foco na Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Caetano Corrêa, Itaituba-PA.

Descreve-se no decorrer desta busca, as leituras e observações organizadas em cada capítulo. No primeiro capítulo, Abordagem Histórica da EJA, apresentando a ideia e a trajetória de alguns autores sobre o tema. No segundo capítulo aborda-se sobre alguns entendimentos quanto aos objetivos das novas políticas públicas de alfabetização, em especial a implantação do Ensino Fundamental de 9 anos, e as implicações das mesmas no processo de alfabetização nos anos iniciais. Além disso, discorro sobre o PNAIC- Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa, considerando que tem orientado a formação continuada dos professores dos anos iniciais, primeiro a terceiro ano, discutindo a concepção de alfabetização e letramento, bem como, propondo práticas inovadoras para esse processo. No terceiro capítulo, apresento os resultados da pesquisa e observações realizadas em uma escola no Município de Itaituba-Pará.

1 ABORDAGEM HISTÓRICA DA EJA

1.1 UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL

Alfabetizar Jovens e Adultos é uma preocupação antiga que não se limita a uma tarefa meramente escolar, está intimamente ligada a sonhos, expectativas, anseios de mudança e a escolha do tema deste trabalho se deu com o convívio com jovens e adultos durante o estágio supervisionado na EJA. Apesar da denominação educação de jovens e adultos ser moderna, a preocupação com os adultos não escolarizados já vem de longa data, desde o início da colonização portuguesa no Brasil, quando os índios, os primeiros habitantes até então eram doutrinados para uma educação restrita à conversão da fé católica pela catequese e pela instrução do que para outros conhecimentos. Em 1827 no período imperial, é promulgada a primeira lei geral de educação do País, que objetivava "construir um sistema nacional de educação escolar composto por escolas elementares, secundárias e superiores"(NEVES, 2003:15).

Em 1827 no período imperial, é promulgada a primeira lei geral de educação do País, que objetivava construir um sistema nacional de educação escolar composto por escolas elementares, secundárias e superiores. Em 1840 surge o ensino das primeiras letras ao adulto nos cursos de ensino profissional oferecido pelo Arsenal de Guerra do Recife. Em 1869, com a finalidade de agilizar o processo de escolarização, atendendo a um maior número possível de analfabetos, foram criadas escolas noturnas e, aos domingos e no período do verão, criaram-se escolas temporárias e ambulantes. Segundo NEVES:

A recuperação de grandes massas da população que vivia praticamente à margem da vida nacional (...), era necessário educar o adulto, antes de tudo, para que esse marginalismo desaparecesse e o país pudesse ser homogêneo, mais coeso e mais solidário e para que cada homem ou mulher melhor pudesse ajustar-se à vida social e às preocupações do bem-estar e do progresso social (LOURENÇO FILHO, 1949:49apud NEVES, 2003: 15).

No período republicano, a educação, de um modo geral, também não obteve melhorias, continuando estagnado e, gradativamente aumentando o número de pessoas não escolarizadas. A Educação de Adultos tem estado, a partir da Segunda

Guerra Mundial, a cargo do Estado, muito diferente da Educação não-formal, que está vinculada a organizações não-governamentais. Até a Segunda Guerra Mundial, a Educação Popular era concebida como extensão da Educação formal para todos, sobretudo para os menos privilegiados que habitavam as áreas das zonas urbanas e rurais.

Após a I Conferência Internacional de Educação de Adultos, realizada na Dinamarca, em 1949, a Educação de Adultos tomou outro rumo, sendo concebida como uma espécie de Educação Moral. Dessa forma, a escola, não conseguindo superar todos os traumas causados pela guerra, buscou fazer um "paralelo" fora dela, tendo como finalidade principal contribuir para o resgate do respeito aos direitos humanos e para a construção da paz duradoura.

A educação de jovens e adultos representa uma promessa de efetivar um caminho de desenvolvimento de todas as pessoas de todas as idades. Nela adolescentes, jovens, adultos e idosos poderão atualizar conhecimentos, mostrar habilidades, trocar experiências e ter acesso a novas regiões do trabalho e da cultura. É muito gratificante para uma pessoa leiga poder aprender a ler e escrever consciente da necessidade e importância de tal ato para a sua vida, um mundo novo se abre para ela é como se fosse cega e de repente abrisse os olhos e enxergasse coisas que até então não via. Alfabetizar tais pessoas é proporcionar para elas grandes mudanças, uma nova visão de mundo, a chance de ter uma vida melhor pelo menos com mais oportunidades. (COMENIUS, 1984:43)

Freire começou a experimentar essa nova concepção na alfabetização, no círculo cultural que ele mesmo coordenava como monitor e cujos membros conhecia pessoalmente. Freire relata que na 21ª hora de alfabetização, um participante era capaz de ler artigos simples de jornal e escrever sentenças curtas. Os slides, particularmente, criavam grandes interesse e contribuíam para a motivação dos participantes. Depois de 30 horas (sendo uma hora por dia, durante cinco dias da semana) a experiência foi concluída. Três participantes tinham aprendido a ler e escrever. Podiam ler textos curtos e jornais e escrever cartas. Dois participantes evadiram-se. Assim nasceu o "Método Paulo Freire de Alfabetização" (FREIRE, 1996: 46).

Alfabetizar jovens e adultos não é um ato apenas de ensino – aprendizagem é a construção de uma perspectiva de mudança; no início, época da colonização do Brasil, as poucas escolas existentes eram para privilégio das classes média e alta,

nessas famílias os filhos possuíam acompanhamento escolar na infância, não havia a necessidade de uma alfabetização pra jovens e adultos, as classes pobres não tinham acesso a instrução escolar e quando a recebiam era de forma indireta. (GHIRALDELLI Jr., 2008: 24)

Historicamente a Educação de jovens e adultos se caracteriza por escolas noturnas, pois era a única forma de alfabetizá-los após um dia árduo de serviço, e muitas dessas escolas na verdade eram grupos informais, uma vez que poucos dominavam o ato de ler e escrever o transferia a outros; no começo do século XX com o desenvolvimento industrial é possível perceber uma lenta valorização da EJA. Através do processo de industrialização afirmou a necessidade de se ter mão de obra especializada, nesta época criou-se escolas para capacitar os jovens e adultos, por causa das indústrias nos centros urbanos a população da zona rural migrou para o centro urbano na expectativa de melhor qualidade de vida, ao chegarem nos centros urbanos surgia à necessidade de alfabetizar os trabalhadores e isso contribuiu para a criação destas escolas para adultos e adolescentes.

A necessidade de aumentar a base eleitoral favoreceu o aumento das escolas de EJA, pois o voto era apenas para homens alfabetizados. Na década de 40 o governo lançou a primeira campanha de Educação de adultos, tal campanha propunha alfabetizar os analfabetos em três meses; dentre educadores, políticos e sociedade em geral, houve muitas críticas e também elogios a esta campanha, o que é nítido e que com esta campanha a EJA passou a ter uma estrutura mínima de atendimento. Com o fim desta primeira campanha, Freire foi o responsável em organizar e desenvolver um programa nacional de alfabetização de adultos, porém com o golpe militar o trabalho de Freire foi visto como ameaça ao regime, assim a EJA volta a ser controlado pelo governo que cria o MOBRAL.

Em 1985, o MOBRAL findou-se dando lugar a Fundação EDUCAR que apoiava tecnicamente e financeiramente as iniciativas de alfabetização existentes, nos anos 80 difundiram-se várias pesquisas sobre a língua escrita que de certa forma refletiam na EJA, com a promulgação da constituição de 1988 o Estado amplia o seu dever com a Educação de jovens e adultos. De acordo com o artigo 208 da Constituição de 1988: "O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria". É notório que nesta fase da história da Educação brasileira, a EJA

possui um foco amplo, para haver uma sociedade igualitária e uma Educação eficaz é necessária que todas as áreas da Educação sejam focadas e valorizadas, não é possível desvencilhar uma da outra.

1.2 AS LEGISLAÇÕES

O ensino supletivo foi implantado com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 5692/71. Nesta Lei um capítulo foi dedicado especificamente para o EJA. Em 1974 o MEC propôs a implantação dos CES (Centros de Estudos Supletivos), tais centros tinham influências tecnicistas devido à situação política do país naquele momento.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 5.692/71 reconhece a educação de jovens e adultos como um direito de cidadania, com isso implanta o Ensino Supletivo, o qual visava a suplência - suprir a escolarização de jovens e adultos, que não tivesse seguido ou concluído os estudos em idade adequada, suprimimento – proporcionar estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tivessem seguido o ensino elementar no todo ou em parte, aprendizagem correspondia a formação metódica no trabalho e pôr fim a qualificação que era responsável pela profissionalização que atenderia ao objetivo da formação de recursos humanos para o trabalho.

Do ensino supletivo – Cap. IV da LDB

Art. 24 – O ensino supletivo terá por finalidade:

a) Suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não tenham seguido ou concluído na idade própria; b) Proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte.

Parágrafo único – O ensino supletivo abrangerá cursos e exames a serem organizados nos vários sistemas de acordo com as normas baixadas pelos respectivos Conselhos de Educação.

Art. 25 – O ensino supletivo abrangerá, conforme as necessidades a atender, desde a iniciação no ensino de ler, escrever e contar e a formação profissional definida em lei específica até o estudo intensivo de disciplinas do ensino regular e a atualização de conhecimentos.

A estrutura de Ensino Supletivo, após a LDB de 1971, seguiu a orientação expressa na legislação de procurar suprir a escolarização regular daqueles que não tiveram oportunidade anteriormente na idade própria. As formas iniciais de atendimento a essa prerrogativa foram os exames e os cursos. O que até então era a "madureza" passou ao controle do Estado, foi redefinido e se transformou em

Exames Supletivos. A novidade trazida pelo Parecer nº 699/72 estava em implantar cursos que dessem outro tratamento ao atendimento da população que se encontrava fora da escola, a partir da utilização de novas metodologias (BRASIL. CFE, 1972).

A estrutura de Ensino Supletivo, após a LDB de 1971, seguiu a orientação expressa na legislação de procurar suprir a escolarização regular daqueles que não tiveram oportunidade anteriormente na idade própria. As formas iniciais de atendimento a essa prerrogativa foram os exames e os cursos. O que até então era a "madureza" passou ao controle do Estado, foi redefinido e se transformou em Exames Supletivos. A novidade trazida pelo Parecer nº 699/72 estava em implantar cursos que dessem outro tratamento ao atendimento da população que se encontrava fora da escola, a partir da utilização de novas metodologias (BRASIL. CFE, 1972).

A constituição de 1937 fez o Estado abrir mão da responsabilidade para com educação pública, uma vez que ela afirmava o Estado como quem desempenharia um papel subsidiário, e não central, em relação ao ensino. O ordenamento democrático alcançado em 1934, quando a letra da lei determinou a educação como direito de todos e obrigação dos poderes públicos, foi substituído por um texto que desobrigou o Estado de manter e expandir o ensino público. (GHIRALDELLI Jr, 2008: 78)

Entretanto somente na Constituição Federal de 1988 o direito mais amplo à educação básica, pública e gratuita seria estendido aos jovens e adultos. A Lei de Reforma nº. 5.692/71 atribui um capítulo para o ensino supletivo e recomenda aos Estados atender jovens e adultos. (BRASIL. MEC, LDB, 1974).

A Lei nº 5692/71 concedeu flexibilidade e autonomia aos Conselhos Estaduais de Educação para normatizarem o tipo de oferta de cursos supletivos nos respectivos Estados. Isso gerou grande heterogeneidade nas modalidades implantadas nas unidades da federação. Para implementar a legislação, a Secretaria Estadual da Educação criou, em 1975, o departamento de Ensino Supletivo (DESU) em reconhecimento à importância crescente que essa modalidade de ensino vinha assumindo (BRASIL. MEC, LDB, 1974).

A Educação de Jovens e Adultos – EJA está prevista na LDB 9.394/1996 e classificada como parte integrante da Educação Básica, portanto deve ser encarada com o mesmo compromisso presente no ensino fundamental. Todavia, um breve levantamento já pode evidenciar as divergências na aplicabilidade deste segmento

escolar. Do ponto de vista pedagógico podemos destacar a falta de profissionais habilitados para trabalhar com adultos, a falta de recursos didáticos e, sobretudo, a falta de estratégias metodológicas direcionadas para este público específico. São muitos os entraves encontrados por aqueles que já tiveram alguma experiência na Educação de Jovens e Adultos. "Apesar da importante função social desempenhada por esta modalidade educativa, uma vez que se encarrega de reparar as desigualdades causadas àqueles alunos evadidos do ensino regular" (BRASIL. MEC, LDB 2006:15).

No Plano Nacional de Educação, temos como um dos objetivos e prioridades: Garantia de ensino fundamental a todos os que não tiveram acesso na idade própria ou que não o concluíram. A erradicação do analfabetismo faz parte dessa prioridade, considerando-se a alfabetização de jovens e adultos como ponto de partida intrínseca desse nível de ensino. A alfabetização dessa população é entendida no sentido amplo de domínio dos instrumentos básicos da cultura letrada, das operações matemáticas elementares, da evolução histórica da sociedade humana, da diversidade do espaço físico e político mundial da constituição brasileira. Envolve, ainda, a formação do cidadão responsável e consciente de seus direitos (BRASIL. PNE, 2006).

A Lei nº 5692/71 concedeu flexibilidade e autonomia aos Conselhos Estaduais de Educação para normatizarem o tipo de oferta de cursos supletivos nos respectivos Estados. Isso gerou grande heterogeneidade nas modalidades implantadas nas unidades da federação. Para implementar a legislação, a Secretaria Estadual da Educação criou, em 1975, o departamento de Ensino Supletivo (DESU) em reconhecimento à importância crescente que essa modalidade de ensino vinha assumindo (BRASIL. MEC, LDB, 1974).

1.3DESTAQUES ATUAIS DA EJA.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) passou por muitas mudanças, com importantes conquistas na legislação nos últimos 25 anos. Porém é difícil fugir da conclusão de que essa modalidade de ensino está relegada ao segundo plano na agenda dos governantes e da própria sociedade. Basta ver as alarmantes estatísticas sobre analfabetismo: 14,1 milhões de brasileiros com mais de 15 anos (9,7% da população) que não sabem ler nem escrever e mais de 38 milhões de

analfabetos funcionais, incapazes de entender um texto mais complexo que um bilhete simples.

No Brasil, a educação de adultos se constitui como tema de política educacional, sobretudo a partir dos anos 40. A menção à necessidade de oferecer educação aos adultos já aparecia em textos normativos anteriores, como na pouco duradoura Constituição de 1934, mas é na década seguinte que começaria a tomar corpo, em iniciativas concretas, a preocupação de oferecer os benefícios da escolarização a amplas camadas da população até então excluídas da escola. Essa tendência se expressou em várias ações e programas governamentais, nos anos 40 e 50. (DI PIERRO et.al. 2001: 59)

Atualmente a EJA tem objetivos maiores além da alfabetização por parte dos alunos, da necessidade de estar capacitado para o mercado de trabalho, ser atuante na sociedade e também o interesse político de reduzir ao máximo a estatística de analfabetismo no país, este fator favorecerá com a pretensão de um dia o Brasil se tornar uma grande potência mundial. As primeiras formas de alcançar melhores condições de trabalho e ampliar conhecimento é que faz com que muitos jovens e adultos que não se alfabetizaram na infância ingressem em uma turma de EJA oferecida pelas escolas ou por grupos comunitários que desenvolvem projetos de alfabetização, ser alfabetizado nestas fases da vida depende de muita motivação e força de vontade, não basta apenas querer, a alfabetização de jovens e adultos ocorre de maneira intencional e consciente, segundo PINTO (2007:92):

Os conceitos de "necessitar saber" vem da origem do interior do ser, considerado em sua plena realidade, enquanto o de "saber" e "não saber" (como fatos empíricos) coloca-se na superfície do ser humano, é um acidente social, além de ser impossível definir com rigor absoluto os limites entre o "saber e o não saber" (daí que não há uma fronteira exata entre o alfabetizado e o analfabeto). Porque o "necessitar" é uma coisa que ou é satisfeita (se é exigência interior) ou, se não é, não permite ao indivíduo subsistir como tal entre (por exemplo: as necessidades biológicas). O "necessitar" ao qual se referem a leitura e a escrita é de caráter social (uma vez que tem por fundamento o trabalho). (PINTO, 2007:92).

A Educação de Jovens e Adultos identifica-se com o compromisso para a valorização e qualidade dos profissionais que nela atuam, através da constante atualização da sua formação e no empenho em apontar políticas públicas, que venham melhor atender as especificidades desta modalidade. Essa modalidade de ensino se espalhou pelo país modificando e transformando a realidade de jovens e adultos dando a oportunidade de continuação da vida educacional por muitas

interrompidas por vários fatores dentro do contexto socioculturais no quais estão inseridos.

As profundas transformações ocorridas em nossa sociedade, principalmente no que engloba o mundo do trabalho, influenciaram diretamente o sistema educacional público do nosso país. A necessidade de estar cada vez mais preparado para "adentrar" o competitivo mercado de trabalho constitui-se um dos grandes desafios da educação. Estabelece-se um novo princípio educativo pela qual a sociedade busca formar intelectuais/trabalhadores e cidadão/produtores com o intuito de atender as novas demandas impostas pela globalização da economia e pela lógica produtiva (KUENZER, 2003: 18).

Determinar claramente a identidade da EJA pressupõe um olhar diferenciado para seu público, acolhendo de fato seus conhecimentos, interesses e necessidades de aprendizagem. Pressupõe-se, também, a formulação de propostas flexíveis e adaptáveis às diferentes realidades, contemplando temas como a cultura e tudo que está contempla: relações sociais, necessidades dos alunos e da comunidade, meio ambiente, cidadania, trabalho e exercício da autonomia.

A EJA vem sendo construída e modificada historicamente. No decorrer do processo, tivemos a denominação "supletivo" que embutia em seu sentido a conotação de compensar o "tempo perdido" ou "complementar o inacabado", com a ideia de substituir de forma compensatória o ensino regular. O que hoje é concebido como educação de jovens e adultos, corresponde à aprendizagem e qualificação permanentes, não apenas suplementares, mas fundamentais e que favoreçam a emancipação.

De acordo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, é necessário que a EJA assuma a função reparadora de uma realidade injusta, que não deu oportunidade nem direito a escolarização de tantas pessoas. Ela deve também contemplar o aspecto equalizador da educação, possibilitando novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura de canais de participação. Mas há ainda outra função a ser desempenhada pela EJA: a qualificadora, com apelo à formação permanente, voltada para a solidariedade, igualdade e diversidade. (BRASIL – MEC, 2000:21)

A referida escola possibilitou a continuação dos estudos de pessoas que por inúmeros motivos deixaram de cursar o ensino no devido tempo escolar. São pescadores, trabalhadores da área do comércio, donas de casas, jovens, mães e

outros. Segundo DI PIERRO et. al. (2001: 65) o fator que levava esses jovens e adultos a procurarem este tipo de ensino.

A entrada precoce no mercado de trabalho e o aumento das exigências de instrução e domínio de habilidades no mundo do trabalho constituem os fatores principais a direcionar os adolescentes e jovens para os cursos de suplência, que aí chegam com mais expectativas que os adultos mais velhos de prolongar a escolaridade pelo menos até o ensino médio para inserir-se ou ganhar mobilidade no mercado de trabalho. (Di Pierro et. al. 2001: 65)

O Movimento de Educação de Jovens e Adultos foi importante a contribuição de Paulo Freire por toda sua trajetória, pois foi herdeiro da tradição da educação popular, ele era um dos fundadores do o pedagogo mais importante na segunda metade do século XX. Ele retoma o pensamento da Escola Nova e o leva a uma análise muito crítica; que representou esta nova perspectiva pedagógica. Na administração pedagógica de Paulo Freire diminuiu-se a repetência escolar, criou-se o movimento de reorientação curricular e os conselhos de escola.

A educação de jovens e adultos tem por característica marcante uma grande procura no início de ano letivo pelos alunos visando à promoção e qualificação educacional para inserir-se no mercado de trabalho. Para trabalhar as perspectivas pedagógicas com essa demanda de alunos, houve uma mudança na postura da política educacional que em muitos lugares passou a centra-se na concepção freireana de educação. Ou seja, uma modalidade de ensino que se tornava instrumento de valorização da cultura popular e dos saberes populares.

Na atualidade a Educação de Jovens e Adultos, faz-se urgente repensar o currículo, sua funcionalidade e implicações na vida dos sujeitos que participam dessa modalidade de ensino. Por isso, discutir o papel da escolarização para esses sujeitos que não conseguiram concluir a educação básica na idade própria é um aspecto muito relevante na educação brasileira atualmente. Para tanto, faz-se necessário que o currículo para EJA tenha em sua abrangência as vivências desses sujeitos, contemplando os anseios, necessidades e peculiaridades dessa modalidade de ensino.

Sabendo-se que esta modalidade de ensino deve se levar em conta a realidade do educando que traz consigo grande conhecimento de vivência diária, de seu mundo social e cultural. Contudo, esta construção curricular vem proporcionar meios de ensino para a transformação dos educandos desta modalidade,

favorecendo na discussão, reflexão e participação efetiva na construção de uma aprendizagem significativa, centrada nos eixos: pensar, sentir e fazer de modo crítico.

1.4 REFLEXÕES SOBRE LETRAMENTO

Alfabetizar é um tema que está ligado ao ensino da leitura e da escrita de códigos alfabéticos, existem inúmeros significados para este tema. A alfabetização não é uma ação prioritária para a fase infantil da vida. FERREIRO (2005:09) cita que "é recente a tomada de consciência sobre a importância da alfabetização inicial como a única solução real para o problema da alfabetização remediativa (de adolescentes e adultos)". A Leitura é de fundamental importância para que as outras disciplinas também tenham desenvolvimento, desta forma a leitura é uma constante na vida do educando.

Leitura é o exercício constante, reflexivo e crítico da capacidade que nos é inerente de ouvir e entender o que nos diz a realidade que nos cerca a qual também somos parte integrante. É o exercício da captação, através dos mais variados símbolos, sinais e manifestações, da informação, conteúdo e mensagem (LUCKESI, 2001:122)

Muitos conceitos definem alfabetizar como o ato de ensinar a ler, aos poucos esses conceitos vem mudando, ainda que livros e dicionários definam assim, hoje muitos educadores e alfabetizadores utilizam o termo "letramento", letrar vai além de alfabetizar, se trata da compreensão da leitura e escrita, a criança está alfabetizada ao saber ler e escrever e letrada ao compreender o que leu e escreveu, está letrada quando domina a leitura e a escrita e faz o uso social de ambas. SOARES (2007) em uma entrevista a respeito de letramento cita ao ser questionado sobre tal definição:

Letramento é, de certa forma, o contrário de analfabetismo, aliás, houve um momento em que as palavras letramento e alfabetismo se alteravam para nomear o mesmo conceito. Ainda hoje há quem prefira a palavra letramento eu mesma acho alfabetismo uma palavra mais vernácula que letramento, que é uma tentativa de tradução da palavra inglesa literary, mas curvo-me ao poder das tendências linguísticas, que estão dando preferência a letramento. Analfabetismo é definido como o estado de quem não sabe ler e escrever, seu contrário, alfabetismo ou letramento, é o estado de quem sabe ler e escrever, ou seja: letramento é o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive. (SOARES, 2007:34)

A condição de trabalho dos alunos que frequentam a Educação de Jovens e Adultos apresenta-se ora como um desafio imposto à escola, ora como uma dificuldade para professor desenvolver as práticas de ensino da leitura. Se não for considerada as práticas sociais já estabelecidas na vida desses sujeitos, não faz sentido elaborar propostas pedagógicas para trabalhar as atividades escolares, em especial a leitura na escola. A função do educador precisa criar condições para que aprendizagem da leitura aconteça.

A função do educador não seria precisamente ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, 2006: 35)

Ler e escrever é uma arte, principalmente para muitos que não aprenderam a ler e escrever na infância e conseqüentemente na vida adulta sentem falta desses atos, nas últimas décadas a oferta de ensino aumentou bastante, porém o acesso ainda é limitado para muitos, nem todos os brasileiros tiveram ou tem a oportunidade de alfabetizar-se na infância diversos fatores contribuem ou contribuíram para isso, como a necessidade de trabalhar nessa fase da vida, a falta de acesso à escola, ou até mesmo a falta de interesse, ao chegar na juventude ou na fase adulta a pessoa percebe o quanto a educação básica lhe faz falta e começa a persistir em busca do conhecimento.

A leitura em sala de aula é fundamental para introduzir o aluno no processo de alfabetização, sem a devida importância a maneira como a leitura auxilia na compreensão do mundo fica sem sentido a prática docente. Refletindo as condições do lugar do alfabetizador a aprendizagem do jovem e adultos analisa. O trabalho do alfabetizador deve levar o adulto para além da prática, refletindo sobre o processo que a constitui e sobre as relações envolvidas no estabelecimento de sua realidade. Esta tarefa requer constante aprendizagem da parte do alfabetizador, não só com a atualização por meios de leituras, mas com a reflexão sobre a sua prática, realizando pesquisas no espaço em que atua. (SOEK, 2009: 35)

A alfabetização é um processo contínuo, inicia-se desde os primeiros anos de vida, com a linguagem e a partir daí tudo que a pessoa aprende serve como base para uma aprendizagem eficaz, FERREIRO (2005:19) afirma que as crianças que crescem em famílias onde há pessoas alfabetizadas e onde ler e escrever são

atividades cotidianas recebem esta informação através da participação em atos sociais onde a língua escrita cumpre funções precisas.

A alfabetização, como a educação em geral, é um direito de todos, infelizmente para muitos ela não pode acontecer na infância, a preocupação de como fazê-la com qualidade e êxito impulsiona investigações de como alfabetizar para compreender a leitura e a escrita. FERREIRO (2005: 09) cita que:

É difícil falar de alfabetização evitando as posturas dominantes neste campo, por um lado, o discurso oficial e, por outro, o discurso meramente ideologizante, que chamarei "discurso da denúncia". O discurso oficial centra-se nas estatísticas, o outro despreza essas cifras tratando de desvelar "a face oculta" da alfabetização, onde o discurso oficial fala de quantidade de escolas inauguradas, o discurso da denúncia enfatiza a má qualidade dessas construções ou desses locais improvisados que carecem do indispensável para a realização de ações propriamente educativas. (FERREIRO, 2005:09)

A Alfabetização de Jovens e Adultos não é uma ação recente, teve início desde a colonização apesar de ter sido reconhecida oficialmente somente após o ano de 1945, muitos motivos interferem o processo de alfabetização na infância de alguns jovens e adultos, outros nem sequer iniciam esse processo nesta fase e ao longo dos anos sentem a necessidade de alfabetizar-se.

Segundo Moll o processo de alfabetização, quando falamos "em adultos em processo de alfabetização" no contexto social brasileiro, nos referimos a homens e mulheres marcados por experiências de infância na qual não puderam permanecer na escola pela necessidade de trabalhar, por concepções que as afastavam da escola como de que "mulher não precisa aprender" ou "saber os rudimentos da escrita já é suficiente", ou ainda, pela seletividade construída internamente na rede escolar que produz ainda hoje itinerários descontínuos de aprendizagens formais. Referimo-nos a homens e mulheres que viveram e vivem situações limite nas quais os tempos de infância foi, via de regra, tempo de trabalho e de sustento das famílias. (MOLL, 2004:11)

Uma das características quanto ao processo de alfabetização é que nessa proposta considera-se que exista um patamar de maturidade ideal no qual a criança está mais apta para aprender a ler e a escrever. Esforça-se, então, para fazer a criança chegar a esse nível de maturidade, de 'prontidão', através de exercícios considerados pré-requisitos para a criança preparar-se para o processo de

alfabetização. Por outro lado, essa prontidão é utilizada como justificativa para explicar o grande número de crianças que não obtém sucesso no processo de alfabetização escolar, principalmente das classes mais pobres.

O fracasso escolar é vinculado à ideia de deficiência cultural e linguística das crianças pobres como causa de sua dificuldade em aprender a ler e a escrever. Sendo a escrita considerada uma habilidade individual e neutra, sua aprendizagem ou não-aprendizagem no processo escolar vincula-se facilmente à "carência social" do aluno como fator determinante de sua não prontidão para a aprendizagem, responsabilizando-o assim pelo seu fracasso e eximindo a escola de quaisquer responsabilidades.

Essa concepção está fortemente apoiada em uma literatura dedicada a estabelecer uma lista de aptidões ou habilidades necessárias para se aprender a ler e a escrever, tais como: noção de lateralidade, discriminação visual e auditiva, boa articulação da fala, coordenação motora, entre outros. E espera-se que a criança alcance esses requisitos através de exercícios como os de completar figuras, assinalar o desenho menor, colorir o maior, repetir risquinhos e ondinhas na folha. (NASCIMENTO, 1990: 23)

O papel da escola é o de criar um espaço agradável e seguro que possibilite à criança ou o adulto venha a continuar fazendo as descobertas sobre a escrita que já vinha realizando de maneira não sistemática em seu dia- dia. Numa Perspectiva Crítica compreende-se que a leitura e a escrita são atividades comunicativas, realizadas sempre como forma de interlocução e por isso é desse modo que devem ser trabalhadas na escola. SABINSON (1998), por exemplo, chega a afirmar que, assim como a linguagem oral não é ensinada, mas aprendida pela criança na interação com os usuários da linguagem, da mesma maneira a leitura e a escrita devem ser aprendidas pela criança à medida em que ela exerce estas atividades como sujeito, em situações de interlocução reais, que podem ser promovidas e mediadas pela escola.

O processo da leitura é um aprendizado que se desenvolve gradativamente no cotidiano educacional. Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o incentivo a esta realidade se acentua mais, por que os alunos da primeira etapa precisam compreender o mundo que os cerca como um leitor crítico da sua realidade. Nesse caso, os educadores devem despertar em suas práticas pedagógicas um novo olhar

sobre como ensinar a ler na escola por tornar esses alunos participantes da cidadania e dignos de exercer seus direitos.

A Educação de Jovens e Adultos não é uma modalidade de ensino apenas para passar de ano ou dar continuidade aos estudos, mas precisa ser pensada como uma educação que necessita ampliar a leitura de mundo desse sujeito. Por isso a relação entre escola e aluno deve produzir os conhecimentos e aprendizagem para a vida por meio das práticas de leitura. Sabemos que a leitura é indispensável para a formação da competência leitora do aluno, na educação de jovens e adultos, mas precisa e deve ser vista como um elo entre o educando e mundo que o cerca.

2 OS DESAFIOS DO LETRAMENTO NA EJA

2.1 COMO ALFABETIZAR LETRANDO

Os termos alfabetismo ou letramento, este traduzido do inglês literacy, representam uma ampliação do conceito de alfabetização, pois não basta mais o indivíduo ter adquirido a capacidade de ler e escrever. É preciso também participar de eventos de leitura e escrita, assim como ampliar seu repertório, inserir-se na cultura letrada, produzindo e consumindo diferentes gêneros culturais. Alfabetização de adolescentes e adultos é potencialmente conflitiva, pois nela se visa ao deslocamento e substituição das práticas discursivas do aluno por outras práticas da sociedade dominante. Ao mesmo tempo em que a aquisição das novas práticas, é percebida como necessária para a sobrevivência e a mobilidade social na sociedade tecnologizada, essa aquisição se constitui no prenúncio do abandono das práticas discursivas familiares.

Se alfabetizar significa orientar a própria criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever, uma criança letrada (...) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer da leitura e da escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias (...) Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita. (SOARES, 2003).

O alfabetizador deve criar mecanismo para a compreensão dos códigos, para desta forma a criança deva entender o que está lendo para assim realmente ser considerado letrado. Segundo SOARES (2003), quando se focaliza a dimensão individual, letramento é compreendido como um atributo pessoal, fazendo alusão ao uso particular de determinadas habilidades de leitura e escrita. Ao se valorizar a dimensão social, letramento é considerado um fenômeno cultural, expresso em atividades e exigências sociais que envolvem o uso da língua escrita.

A escolaridade é um dos requisitos fundamentais para o processo de democratização da sociedade, entendendo por democratização a conquista, pelo conjunto da população, das condições materiais, sociais, políticas e culturais que lhe possibilitem participar da condução das decisões políticas e governamentais. (LIBÂNEO, 1991:34)

Necessitamos do nosso povo escolarizado para que o país tenha um desenvolvimento mais acentuado, pois o que observa-se a falta de mão de obra especializado.

O ensino da leitura e da escrita desconsidera os conhecimentos e as experiências anteriores das crianças, assim o conflito necessário para que elas, mais do que memorizem, compreendam o sistema alfabético é desvalorizado ou ignorado. Esse conflito só é possível na interação com o outro, pois é a partir do outro que a criança se dá conta das situações e condições em que se produz a leitura e a escrita na sala de aula. "À escola reduz a dimensão da linguagem, limita as possibilidades da escritura, restringe os espaços de elaboração e interlocução pela imposição de um só modo de fazer e de dizer as coisas" (SMOLKA, 1993:76).

(...) a literatura como discurso escrito, revela, registra e trabalha formas e normas do discurso social; ao mesmo tempo instaura e amplia o espaço interdiscursivo, na medida em que inclui outros interlocutores – de outros lugares, de outros tempos – criando novas condições e novas possibilidades de troca de saberes, convocando os ouvintes/leitores a participarem como protagonistas no diálogo que se estabelece (SMOLKA, 1993:80).

Já SOARES diz que "o letramento é uma variável contínua e não discreta ou dicotômica. Portanto, é difícil especificar, de uma maneira não arbitrária, uma linha divisória que separaria o indivíduo letrado do indivíduo não letrado" (2003: 71). A dificuldade se concentra em determinar quais as habilidades de leitura e escrita caracterizariam uma pessoa letrada e em que tipo de material essas aptidões devem ser empregadas.

As habilidades de leitura desenvolvidas servem para atender às demandas da sociedade. O letramento se torna um instrumental a ser utilizado nas práticas sociais de leitura e escrita a fim de adaptar o indivíduo às condições sociais. Nesta perspectiva, faz sentido, no contexto escolar, a negação da leitura e da escrita como prática dialógica, discursiva, significativa.

2.2 VIVÊNCIA E DESAFIOS DO LETRAMENTO

O letramento, para KLEIMAM (2007), tem como o objetivo a reflexão de ensino e da aprendizagem considerando os aspectos sociais da língua escrita. Assumir o letramento, segundo a autora, no espaço escolar é adotar o processo de

alfabetização no processo social da escrita, em detrimento a uma concepção tradicional que considere a aprendizagem de leitura e produção textual, a um percurso de habilidades de aprendizagens individuais. Atividades que envolvem letramento, não se diferenciam das demais atividades de vida social, ou seja, são sempre atividades coletivas, cooperativas, envolvendo vários participantes e diferentes saberes.

[...] a escrita deve ter significado para as crianças, que uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida. [...] Só então poderemos estar certos de que se desenvolverá não só o hábito de mãos e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem. (VIGOTSKI, 2007:144).

A concepção autônoma do letramento não nos permite questionar textos como, por exemplo, uma bula de remédio que vem respaldada por instituições de prestígios como seriam a instituição médica e a própria tradição letrada, ambas as instituições autoritárias. Entretanto, se analisar as crenças do indivíduo em relação ao corpo de conhecimento que essas instituições representam, ver-se-á que essa relação é uma questão de fé, e não de lógica ou consistência interna.

Como afirma BARBOSA (2003), as práticas pedagógicas são culturais, históricas e evoluem em função das necessidades sociais emergentes e do acervo de conhecimento disponível, acervo esse que permite a elaboração de uma nova teoria, capaz de justificar a nova prática necessária. Assim também aconteceu e acontecerá com a alfabetização. Seu entendimento sofreu transformações significativas ao longo do tempo, implicando em novas pesquisas, metodologias e redimensionamentos.

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2003: 285).

A preocupação com a aprendizagem e o domínio da leitura e da escrita, por parte dos profissionais, está cada vez mais presente no cotidiano escolar e na sociedade como um todo. Ir além da aquisição do código escrito é indispensável. É necessário fazer o uso da leitura e da escrita no cotidiano escolar, para que o aluno o possa usufruir com competência desses saberes no seu dia-a-dia.

A escola, instituição comprometida com a democratização social e cultural do conhecimento, tem a função de garantir os saberes necessários para o exercício da

cidadania. Portanto, diante das novas necessidades comunicativas do mundo atual, é sua responsabilidade promover a ampliação do letramento dos alunos, para que estes possam participar e compreender melhor o mundo.

2.3A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO

Letramento não é alfabetização, e sim um trabalho onde se estabelece as relações entre os fonemas, grafemas, um processo de estruturas linguísticas, é prazer, lazer, ler em lugares diferenciados, não só na escola, mas em exercícios de aprendizagem. Letramento é obter informações através de leituras de diferentes gêneros textuais, buscando da informação, buscar a leitura para seguir certas instruções, usar a escrita para se orientar no mundo, descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita.

A leitura é necessária na solução de problemas cotidianos. Serve para aprofundarmos um assunto de nosso interesse, seja científico, cultural ou outros. É importante para buscar informações: o endereço de alguém, o significado de uma palavra etc. Pode-se ler em diferentes situações, diante de um mesmo tipo de material. Um texto instrucional, pode ser lido para obter uma informação global ou mesmo para buscar um dado específico; um artigo de jornal pode ser lido num momento simplesmente por prazer e, em outro, para ser utilizado como objeto de reflexão mais dirigida.

Segundo KRAMMER, saber ler e escrever significa dispor do veículo fundamental de acesso aos conhecimentos da língua nacional, da Matemática, das Ciências, da História, da Geografia e significa ainda, possuir o instrumento de expressão e compreensão da realidade física e social. A tarefa de introdução do adulto nas práticas letradas majoritárias não fica necessariamente mais fácil, uma vez que os nossos pressupostos, sobre as consequências sociais e cognitivas do letramento de caráter universal, são questionados e problematizados.

(...) a literatura como discurso escrito, revela, registra e trabalha formas e normas do discurso social; ao mesmo tempo instaura e amplia o espaço interdiscursivo, na medida em que inclui outros interlocutores – de outros lugares, de outros tempos – criando novas condições e novas possibilidades de troca de saberes, convocando os ouvintes/leitores a participarem como protagonistas no diálogo que se estabelece. (SMOLKA, 1993:80).

A literatura, desta forma, como uma das estratégias que possibilitam trabalhar não só a leitura como também a autoria do texto. O problema é que muitas vezes a escola só acredita ser possível a ocupação do estatuto de leitor e escritor depois que a criança já se apropriou da tecnologia da escrita, e que sendo assim, leia e escreva com sentido. SOARES diz que “o letramento é uma variável contínua e não discreta ou dicotômica. Portanto, é difícil especificar, de uma maneira não arbitrária, uma linha divisória que separaria o indivíduo letrado do indivíduo não letrado” (2003: 71).

As crianças que desde cedo convivem em ambientes com ricas experiências de leitura e escrita, chegam à escola compreendendo e percebendo a função social inerente à estas práticas. No entanto, esta não é a realidade da maioria dos alunos das escolas públicas, muitos deles são oriundos de comunidades e famílias que participam pouco da cultura escrita. A escola e os professores desempenham, para eles, um importante papel no sentido de ampliar o seu grau de letramento.

Na literatura atual sobre alfabetização e letramento, é consenso de que cabe ao professor “alfabetizar letrando”. Compreendemos que alguns conceitos e perspectivas teóricas estão estritamente relacionados aos conceitos de alfabetização e letramento e poderão contribuir para o entendimento destas noções em sala de aula. Pretendemos, assim, discutir as contribuições do pensamento de Bakhtin no que tange às práticas com a alfabetização e o letramento na escola. Segundo CAGLIARI (1991), o grande equívoco da escola é ensinar o português a falantes nativos como se fosse uma língua estrangeira. O objetivo do ensino da língua materna deve ser o de mostrar quais são seus usos e suas modalidades.

O tempo presente na escola é sempre um momento de possibilidades, por isso é preciso tomar em consideração as linhas básicas desse presente que demarcam a construção da histórica desse contexto (FREIRE, 1996). Portanto, considerando que a escola de EJA, historicamente constituída de profissionais que nela vêm atuando, muitas vezes sem formação específica, e no seu espaço outros profissionais se formarão, é importante que as Instituições de Ensino Superior (IES), responsáveis pela formação de novos docentes, que atuarão nesse mesmo espaço e tempo, repensem o processo de formação nesse contexto social.

2.4 ESTRATÉGIAS DE LEITURA E ESCRITAS

As abordagens predominantes instrumentais, mais típicas de programas emergenciais, como a alfabetização de adultos, organizam-se, geralmente, com base na análise das necessidades de leitura diversificada: a seleção de panfletos do sindicato, bulas de remédios, contratos de compra, venda, faturas, cheques, embalagens como material didático, estariam obedecendo a critérios utilitários que visam permitir o acesso a informações cuja confiabilidade e objetividade estariam no fato de pertencerem ao mundo da escrita e da ciência.

É importante que os textos das crianças possam servir de subsídio para novas descobertas, novas situações de aprendizagens e novas construções. Saber ler, nesta visão, é ir além da interpretação literal, sabendo relacionar o lido com experiências vividas, ouvidas, presenciadas e/ou ainda, com outras leituras. Saber ler é saber recriar o lido em outras atividades, sejam de escrita (é registro, é memória), de jogo lúdico e cênico, de artes plásticas, de fixação de letras, sílabas, ortografia, etc.. (FEIL, 2004:44)

Tal seleção se fundamenta nas concepções funcionais de ensino da escrita para grupos extremamente defasados, como seria o analfabeto adulto. "As habilidades de escrita estendem-se desde a capacidade da habilidade de registrar unidades de som até a capacidade de transmitir significado de forma adequada a um leitor potencial" (SOARES, 2003: 69).

Para SMOLKA (1993), o conhecimento sobre a escrita e sobre a aquisição da escrita se constrói numa interação, numa prática discursiva, numa tensa relação de ensino, que se caracteriza, por exemplo, nas situações de escrita espontânea. Podemos dizer que os alunos, nos três primeiros anos do Ensino Fundamental, deverão realizar atividades que possibilitem o entendimento de que escrevemos da esquerda para direita, de cima para baixo, que usamos letras e que deixamos espaços entre as palavras.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003:262)

Além disso, precisam conhecer todas as letras do alfabeto e as diferentes formas de grafá-las; perceber as relações que existem entre fonemas e grafemas favorecendo o desenvolvimento da consciência fonológica. E, por fim, aprender sobre a ortografia do nosso sistema de escrita. A concepção de leitura que embasa este eixo é a prática social que envolve atitudes, gestos e habilidades os quais são mobilizados pelo leitor, tanto no ato de leitura propriamente dito, como no que antecede a leitura e no que decorre dela.

Além de produzir textos adequados aos propósitos comunicativos, é importante também ser capaz de revisar o próprio texto tendo como pauta os recursos ortográficos e os objetivos a que se propõe. Implica em compreender para que, para quem e como se vai escrever. Implica ainda recorrer a recursos estilísticos e composicionais relacionados ao gênero a ser escrito. A produção escrita de textos é concebida como uma ação deliberada da criança com vista a realizar determinado objetivo. Desta forma, devem ser desenvolvidas capacidades necessárias ao domínio da escrita desde as primeiras formas de registro alfabético e ortográfico até a produção autônoma de textos (BRASIL, 2001).

É de fundamental importância que a opção metodológica adotada leve em conta o alfabetizando jovens e adultos, ou seja, considere sua condição de falante competente da língua para os usos cotidianos, bem como, a riqueza e a variedade de experiências, saberes e interesses, que considere a origem regional, valorizando a sua linguagem, evitando a infantilização ou criação de linguagem artificial e propicie o exercício da imaginação e da criatividade, tanto na oralidade quanto no uso da palavra escrita (CIRINO; HARACEMIV; SOEK, 2010:52).

Um processo eficiente de ensino aprendizagem deve tomar como ponto de partida a noção de que cada situação comunicativa demanda um determinado tipo de escrita, ou seja, para cada evento, utilizamos um gênero discursivo diferente. Este é um dos aspectos importantes a serem incorporados pelos alunos. Saber produzir textos de diferentes gêneros significa dominar práticas letradas que fazem parte de nossa sociedade.

Trabalhar com a oralidade requer ensinar a linguagem adequada à situação linguística a qual estamos inseridos. É também oportunizar aos alunos o convívio com gêneros orais e que requerem uma formalidade ou monitoração maior ou menor. Implica ainda, em desenvolver a capacidade de escutar atentamente e opinar respeitando a vez e o momento. De acordo com os PCNs, O problema do

preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. (BRASIL-PCN, 1997:31).

3 LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS DA EJA: PERCEPÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL JOAQUIM CAETANO CORRÊA, ITAITUBA PARÁ.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Caetano Correa - JCC, situada à Avenida Marechal Rondon, nº 540, esquina com a Travessa Transgalego, na confluência dos Bairros Liberdade e Boa Esperança. É parte do Sistema Municipal de Ensino de Itaituba, administrado pela Secretaria Municipal de Educação, nos termos da Legislação em vigor e regidos pelo Regimento Escolar da Rede Estadual de Ensino.

Com a finalidade de atender a oferta do Ensino Fundamental Regular e turmas da EJA- Educação de Jovens e Adultos, prima pelo cumprimento ao que consta nas Constituição Federal e Estadual de 1988, Lei Orgânica do Município, RJU – Regime Jurídico Único dos Servidores Municipais de Itaituba, PCCR – Plano de Cargos, Carreira e Remuneração dos Servidores da Educação de Itaituba e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A referida Escola funciona em prédio próprio, com área medindo 127 metros de frente e 175 de fundo. Neste espaço contamos com 08 (oito) salas de aula e uma sala de vídeo. São mais 06 (seis) dependências no bloco administrativo, distribuídas entre, 01 (um) infocentro (desativado), Diretoria, Sala da coordenação do Mais Educação, Sala de Professores com banheiro, Secretaria com banheiro e Biblioteca. Contamos ainda com uma pequena lanchonete no muro de entrada, pátio coberto onde funciona Refeitório, 04 (quatro) sanitários para alunos, cozinha, depósito e dispensa e 01 (um) ginásio poliesportivo. Nas salas de aula para o atendimento aos alunos disponibilizamos de 312 carteiras com cadeira escolares.

O Município de Itaituba foi criado através da Lei Provincial 290/56, em 15 de dezembro de 1856, localizado no Sudoeste Paraense, e segundo dados do IBGE tem área de 62.040,947 km². Está distante 1.626 km da capital Belém e conta com uma população de 98.405 habitantes de acordo com o censo/2014.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Caetano Correa, foi fundada no dia 08 de março de 1975 e inicialmente funcionou em caráter provisório com turmas de 5ª séries, no extinto prédio do Ginásio Normal de Santana no Centro da cidade e no dia 28 de setembro de 1976 foi fundado o prédio próprio no atual endereço. Construída na administração do Governador do Estado, Excelentíssimo Senhor Aluizio da Costa Chaves e do Prefeito Municipal Excelentíssimo Senhor Altamiro Raimundo da Silva.

Este estabelecimento de Ensino já contou durante esses anos de funcionamento com as seguintes denominações:

Escola Estadual de 1º Grau MEC/SEDUC 8.4

Escola Estadual de 1º Grau Fundamental

Escola Estadual de 1º Grau Professor Jonathas Pontes Athaias

A denominação de Escola Estadual de 1º Grau Joaquim Caetano Correa, ocorreu através da Portaria datada de 06 de dezembro de 1978, assinada pelo Secretário de Estado de Educação Acyr de Jesus Neves de Barros Pereira, em homenagem ao fundador de Itaituba: o Tenente Coronel Joaquim Caetano Correa. A partir de Janeiro de 1999 em virtude da municipalização do ensino a escola denomina-se Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Caetano Correa que funciona com os turnos: manhã, tarde e noite nas modalidades Ensino Fundamental de 6º ao 9º e EJA com turmas de 3ª e 4ª Etapas.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLOGIA

A pesquisa foi fundamentada nas referências que investigam sobre as concepções e a prática do letramento na EJA no ambiente da escola com ênfase nos relatos de autores que esclarecem o referido tema. Sendo: BARBOSA (2003), CAGLIARI (1992), FEIL (2004) FERREIRO e TEBEROSKY (1986), FREIRE (1988), KLEIMAM (2010), KRAMER (2010), SOARES (2009) entre outros.

Este estudo fez uma análise dos dados quantitativos que serão identificados durante a pesquisa onde irão discutir as concepções e a prática do letramento na EJA na escola com relatos de formas explicativas, analisando os fenômenos que ocorrem no ambiente escolar em relação às práticas do letramento.

Faz-se necessário relatar que a pesquisa de campo foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Caetano Corrêa no Município de Itaituba-Pará. Os sujeitos foram 4 professores e 15 alunos da escola. Os dados coletados por meios de entrevistas, questionários e observações no período dos meses de outubro a dezembro de 2016.

Segundo BOGDAN E BILLLEN (1994:134) as entrevistas semiestruturadas colaborem na coleta de dados e podem ser utilizadas em conjuntos com observações e análise de documentos e outras técnicas.

3.3 RESULTADOS DA PESQUISA

3.3.1 Percepção dos Professores.

Os professores foram um dos enfoques da pesquisa sendo entrevistados 04 professores, com uma idade média de 34 anos, dentre eles 2 do gênero feminino e 2 masculino, todos graduados e com 3 anos de atuação na instituição.

Foi perguntado aos mesmos o tempo de atuação na EJA?

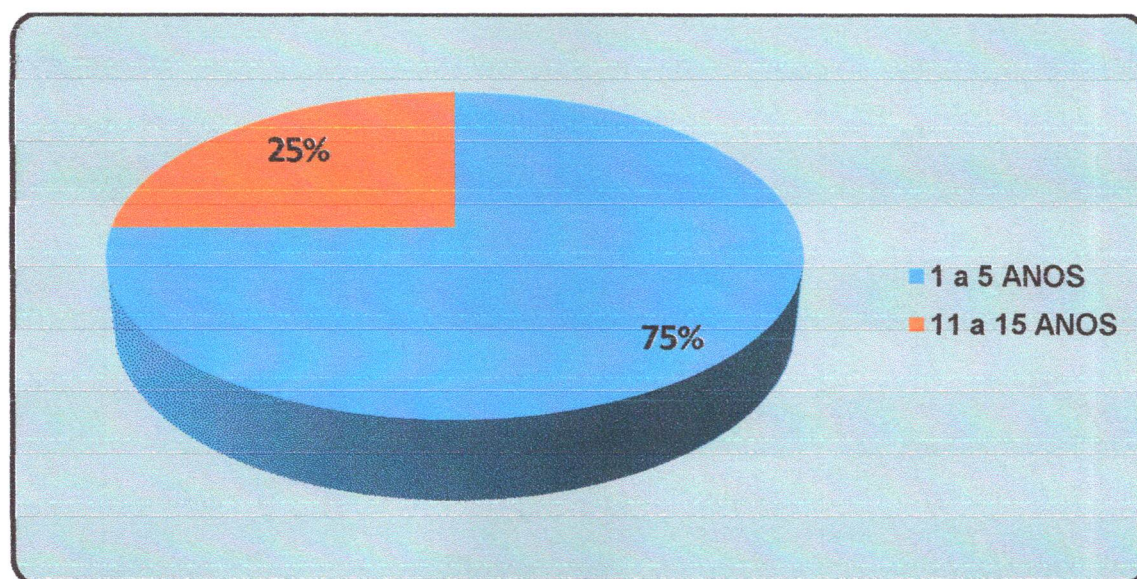


GRÁFICO 01:Tempo de atuação na EJA?

FONTE: Professores da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Observa-se no gráfico que 75% dos entrevistados já trabalham na EJA de 1 a 5 anos. E 25% já trabalham nessa modalidade de ensino a mais de 10 anos. Percebe-se que prática educativa é acima de tudo um desafio, pois o educador consciente passa grande parte do seu tempo questionando-se, revendo conceitos, buscando dar o melhor a seus educandos.

Perguntou-se aos professores: O que o levou a escolher a EJA para lecionar?

RESPOSTAS	RES.
Identificou-se	25%
Oportunidade de trabalho	50%
Indisponibilidade de vagas em outros turnos	25%

QUADRO 01: O que o levou a escolher a EJA para lecionar?

FONTE: Professores da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Através da pesquisa podemos observa que 50% dos profissionais que trabalham na modalidade EJA está desempenhando essa função pela oportunidade do emprego na área, 25% por indisponibilidade de vagas em outra modalidade de ensino e 25% realmente se identificaram com essa clientela.

Em relação à qualidade formal, em geral, o educador que trabalha com a educação de Jovens e Adultos não tem formação adequada para atuar nesta modalidade de ensino e não tem recebido atenção necessária nos cursos de formação de professores. "Pelo contrário, muitas vezes tem sido relegada cada vez mais a deterioração, pois os educadores que atuam na EJA estão ausentes de boa parte dos debates das políticas públicas centradas na questão das relações entre escola e sociedade" (GATTI, 1997:32)

Foram indagados ainda os professores: Qual o papel do professor ao lecionar na turma da EJA?(Questão de múltipla escolha, percentagem por respostas).

RESPOSTAS	RES.
Estimular a aprendizagem	100%
Transferir conteúdos	25%
Compreender a realidade do aluno	50%

QUADRO 02: Qual o papel do professor ao lecionar na turma da EJA?

FONTE: Professores da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

O papel do professor ao lecionar na turma da EJA em percentagem por reposta foram 100% responderam a estimulação a aprendizagem, já 25% relatou que é transferir conteúdos e os outros 50% responderam compreender a realidade

do aluno. Percebe-se que o papel principal de um professor ao lecionar na turma da EJA é estimular a aprendizagem desses alunos uma vez que os mesmos já vão para a escola desestimulado depois de um dia de trabalho.

Perguntou-se ainda: Qual o seu maior desafio em lecionar como professor da EJA? (Questão de múltipla escolha, percentagem por respostas).

RESPOSTAS	RES.
Evasão	75%
Desânimo	25%
Falta de material didático apropriado	75%

QUADRO 03: Qual o seu maior desafio em lecionar como professor da EJA?

FONTE: Professores da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Diante do quadro acima se percebe nas respostas dos professores que 75% relaciona como maior desafios a evasão dos alunos e também a falta de material didático para desenvolver uma boa aula. Outros 25% refere-se ao desanimo dos alunos para estudar. A EJA é considerada pela maioria dos professores como um complemento de carga horária, não sendo bem vista por esses professores.

Quais os maiores problemas/desafios encontrados com relação aos alunos da EJA?

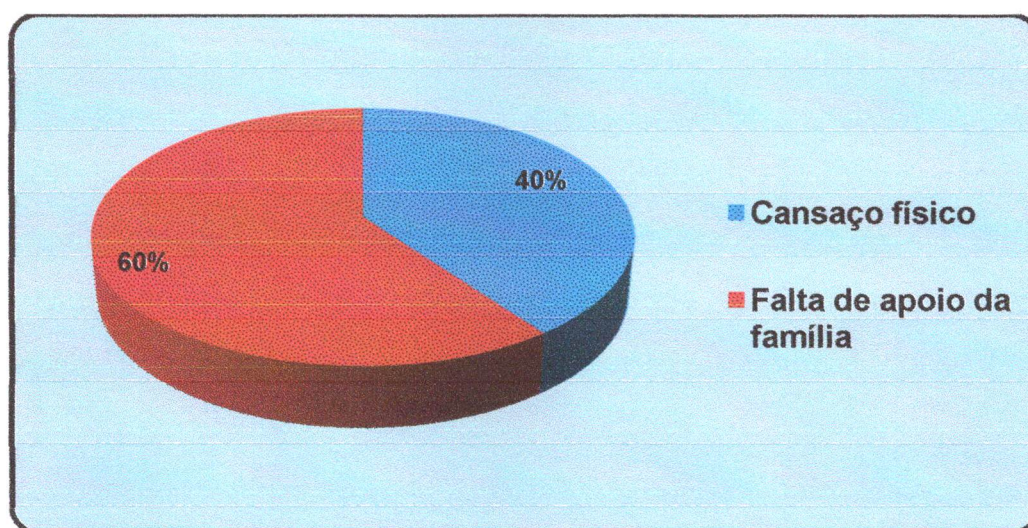


GRÁFICO 02: Quais os maiores problemas/desafios encontrados com relação aos alunos da EJA?

FONTE: Professores da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

A educação de jovens e adultos no nosso país tem evoluído, porém ainda enfrenta muitas dificuldades. Dentre elas, destacam-se questões relativas ao cansaço físico que em cerca de 40% dos casos os alunos trabalham o dia todo e no fim do dia vai para escola exausto. Uma das principais causa dos problemas de

aprendizagem dos alunos apontada pela pesquisa com cerca de 60% foi a falta de assistência e acompanhamento da família, especialmente em situações como os deveres de casa, pesquisas e incentivo ao estudo.

Você acredita que a EJA traz relevância para a vida pessoal dos alunos?

PROFº	RESPOSTAS
P1	Os alunos que se dedicam conseguem progredir e galgar outras conquistas na vida dos estudos.
P2	Atualmente, lecionar na EJA é um grande desafio para qualquer professor. A grande maioria dos alunos vem para a escola para "matar" tempo. Se mostram desinteressados, falta de compromisso. Só conversam e fazem barulho. Só uma pequena minoria quer estudar. Para mim, a EJA é um programa que se gasta público jogando pelo ralo.
P3	Todo e qualquer conhecimento adicional e válido para os alunos, Educação, é tudo.
P4	Apesar de as disciplinas serem um pouco mais corridas do que as séries regulares, ainda assim há um aprendizado significativo e importante para a formação intelectual.

QUADRO 04: Você acredita que a EJA traz relevância para a vida pessoal dos alunos?

FONTE: Professores da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Qualquer forma de educação é válida, como essa clientela já vem para a sala de aula com uma grande abordagem de conhecimento, desta forma o professor deve sistematizar esse conhecimento. Esses alunos fazem parte de um quadro de desfavorecimento social e a procura pela escola está ligada às decisões que envolvem suas perspectivas pessoais, motivação, com expectativa de conseguir um emprego melhor, aumentar a autoestima, satisfazer suas necessidades particulares e, assim, integrar a sociedade letrada da qual tem o direito, mas que muitos não fazem parte.

Foi perguntado: De que forma os jovens e adultos se integram no mundo por meio da aprendizagem da leitura e da escrita?

PROFº	RESPOSTAS
P1	Através de aulas bem preparadas, atraentes e estimulantes.
P2	Está fora da área de minha atuação.
P3	Boas metodologias implementam uma aprendizagem mais dinâmica e eficaz, buscando no discente, ele próprio construir seu conhecimento e neste contexto a leitura tem papel fundamental, ler e estimular a leitura são fases da educação e construção da mesma.
P4	Hoje em dia leitura e escrita são importantes por que os jovens tenham boas oportunidades e trabalho. E aqueles que são mais dedicados no auxílio a uma faculdade ou concurso público.

QUADRO 05: De que forma os jovens e adultos se integram no mundo por meio da aprendizagem da leitura e da escrita?

FONTE: Professores da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Esses jovens e adultos já vem para escola com toda uma carga de aprendizagem do censo comum adquiridos no decorrer de sua vida, sabem da importância da leitura e escrita e querem aprender. É necessário destacar que o

trabalho docente na educação de jovens e adultos pode garantir o sucesso, mas também contribuir para o fracasso escolar, caso a proposta de ensino desenvolvida em sala de aula não esteja adequada aos discentes.

Saber ler e escrever possibilita o sujeito do seu próprio conhecimento, pois sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita e, desse modo, produzir, ele também, um conhecimento (BARBOSA, 2003:19)

Os professores responderam amais um questionamento: Como o educador desenvolve a leitura e a escrita em jovens e adultos?

PROFº	RESPOSTAS
P1	Com aulas diferenciadas rápidas e que atraiam a atenção desse público
P2	Está fora da área de minha atuação.
P3	Em suas aulas promover atividades que estimulam a leitura em práticas pedagógicas demonstrativas. Demonstam a importância da leitura para desenvolvimento pessoal e intelectual.
P4	Através principalmente de tecidos lúdicos com material tecnológico que os anime a ler e escrever, coisas que não temos.

QUADRO 06: Como o educador desenvolve a leitura e a escrita em jovens e adultos?

FONTE: Professores da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Como uma clientela que já ver o mundo de forma diferente das crianças, as aulas deve ser diferenciada da alfabetização de crianças para que eles tenham interesse em aprender, a linguagem utilizada deve ser de seu entendimento seguindo a sua maturidade.

Enquanto professor da EJA quais as maiores dificuldades que você tem encontrado? Enumere de 1 a 4. (Questão múltipla escolha).

RESPOSTAS	PONTOS
Desinteresse dos alunos	16
Limitação de material didático	14
Evasão escolar	13
Ambiente desfavorável	10

QUADRO 07: Enquanto professor da EJA quais as maiores dificuldades que você tem encontrado?

FONTE: Professores da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

O maior índice indicados pelos professores é o desinteresse dos alunos, em seguida o material didático e evasão escolar, o ambiente desfavorável em última colocação. O professor tem que fazer uma análise da clientela para verificar de formas e métodos que atraiam sua atenção já que eles já entram fadados a desistência. Diante disso JATOBÁ afirma:

Ao perguntar sobre os métodos utilizados obteve-se algumas respostas que mostram que os professores já saíram da dubla quadro e giz, como podemos perceber.

[...] o professor deve ter sempre em mente de que o seu papel é o de agente de transformação social e como tal pode, pela educação, combater, no plano das atitudes, a discriminação manifestada em gestos, comportamentos e palavras, que afasta e estigmatiza grupos sociais. Cabe ao professor construir relações de confiança para que o aluno possa perceber-se e viver, antes de mais nada, como ser social. (JATOBÁ, 1999: 95-96).

Quais os métodos que você utiliza para trabalhar com os alunos da EJA?
(Questão múltipla escolha, percentagem por respostas)

RESPOSTAS	RES.
Revistas, jornais, dinâmicas.	25%
Vídeos, Filmes, data show e outros.	25%
Aula expositiva, apostila, livros.	75%

QUADRO 08: Quais os métodos que você utiliza para trabalhar com os alunos da EJA?

FONTE: Professores da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Em relação aos recursos e materiais didáticos pedagógicos na EJA, percebe-se que na atualidade, os professores apresentam dificuldades de explorá-los, trabalhando, em muitos momentos, distantes da realidade dos alunos e infantilizando o processo de ensino. "No caso da educação de jovens e adultos, o planejamento precisa levar em conta as exigências do contexto social no qual estão inseridas, as características de cada grupo, suas aspirações, projetos e necessidades". (CALHÁU, 1999:53).

Foi perguntado aos professores: Que atitudes a escola tem tomado no sentido de ampliar as práticas do letramento?

PROFº	RESPOSTAS
P1	Formação/capacitações
P2	Não tenho conhecimento.
P3	Aplicar o plano político pedagógico anual, com atividades voltadas para a literatura um fator importante no desenvolvimento da classe discente.
P4	Formação/capacitações

QUADRO 09: Que atitudes a escola tem tomado no sentido de ampliar as práticas do letramento?

FONTE: Professores da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

A formação permanente dos professores é fundamental para uma reflexão crítica sobre a sua prática. "É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática" (FREIRE, 1996:39). A formação contínua

dos educadores possibilita uma base-teórica consistente que, juntamente com a sua realização profissional, permite que o docente tenha uma prática de qualidade.

Finalizando a entrevista com os professores os mesmos responderam sobre: Aproximadamente, qual a porcentagem de alunos consegue concluir a EJA na sua visão?

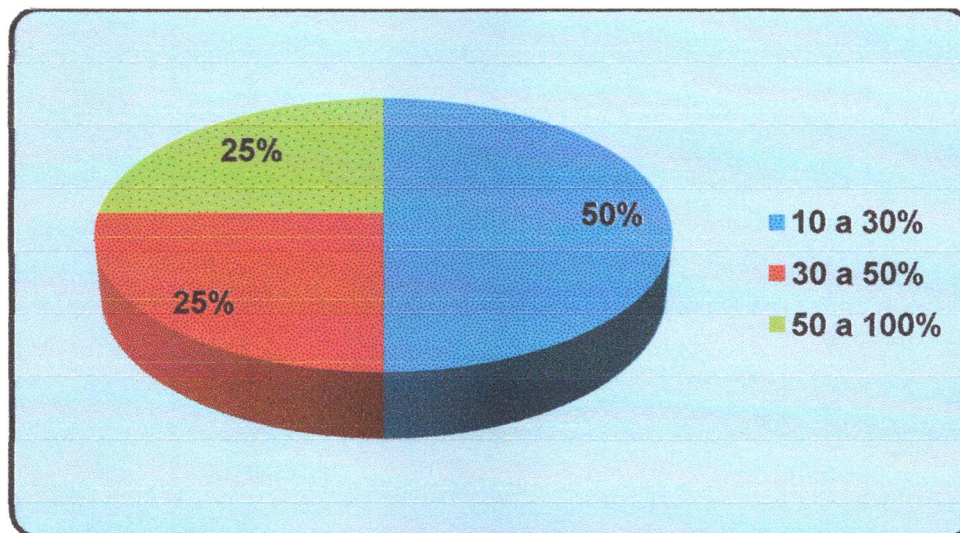


GRÁFICO 03:Qual a porcentagem de alunos consegue concluir a EJA?

FONTE: Professores da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

A EJA sempre foi uma modalidade rotulada pela evasão, são inúmeros os motivos que se enumeram para justificar esse índice tão alto de desistência, cerca de 50% dos alunos não conclui o ano letivo, as dificuldades encontradas por professores e alunos são visíveis.

3.3.2 Percepção dos Alunos.

Os principais autores desse processo são sem dúvidas os alunos, pois é para eles que toda essa organização escolar foi criada para atender suas especificidades, a média de Idade dos alunos pesquisada foi entre 16 a 18 anos. Os pesquisados são (4) do sexo feminino e (11) do sexo masculino, o estado civil dos pesquisados (12) são Solteiros e (3) Casados. Quando questionados sobre quantidade de filhos dos pesquisados (14) não tem filhos e (1) tem entre 3 ou 4 filhos.

No caso dos alunos de idade superior, normalmente a realidade acrescenta que muitos dos alunos que frequentam esta escola são trabalhadores (as), casados (as), com filhos. Sendo preciso que haja sensibilidades e coerência diante de tais situações. O profissional sabe que não estará cumprindo apenas o papel de

educador. Mas que é preciso ter flexibilidade, tolerância e firmeza. Para poder receber seus alunos diante de qualquer situação.

Foi perguntado aos alunos sobre: Qual a sua série?

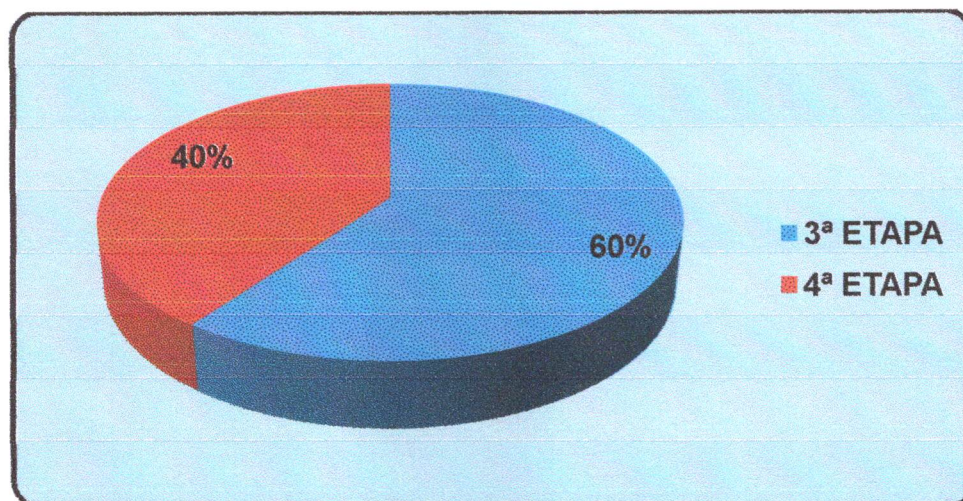


GRÁFICO 04:Qual a sua série?

FONTE:Alunos da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Com a orientação para que os alunos acima de 15 anos sejam remanejado para a modalidade de Educação de Jovens e Adulto, o número de turmas de 3ª etapa cresceu significativa, como mostra a pesquisa com cerca de 60% dos alunos da escola ser dessa etapa e 40% de 4ª etapa.

Perguntou-se ainda aos mesmos sobre: Como você percebe seu professor?

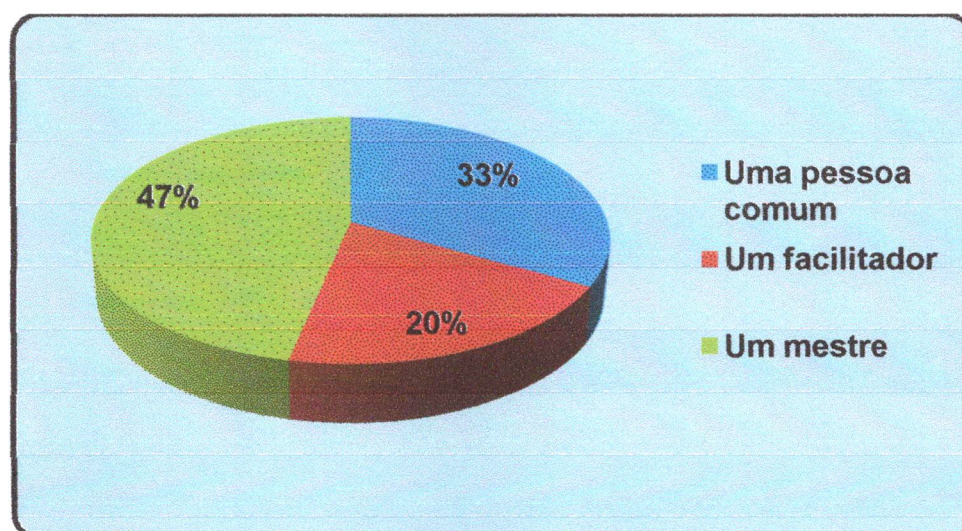


GRÁFICO 05:Como você percebe seu professor?

FONTE:Alunos da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

O gráfico acima mostra que 47% veem o professor como um mestre, 20% como um facilitador da aprendizagem e 33% como uma pessoa comum, o professor deve em primeiro lugar acreditar na modalidade, é sabido que esse professor tem

algumas restrições em relação a modalidade como falta de material adequado, poucas literaturas específicas tento que fazer sempre adaptações desta forma encontram algumas barreiras.

Os alunos responderam ainda sobre a questão: Você tem incentivo dos seus pais para estudar?

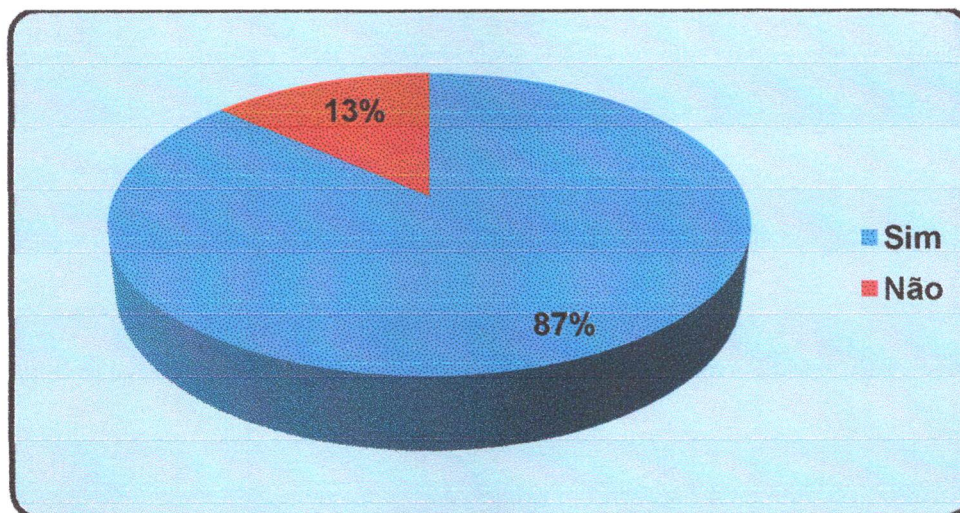


GRÁFICO 06: Você tem incentivo dos seus pais para estudar?

FONTE: Alunos da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Observa-se que 87% afirmaram que tem incentivos dos pais para estudar e 13% dizem que não, inquestionavelmente a presença da família no incentivo ao estudo é de suma importância sendo inquestionável que sem ela a permanência desses alunos na escola se torna difícil.

Os mesmos contribuíram com a pergunta: Você gosta de estudar?

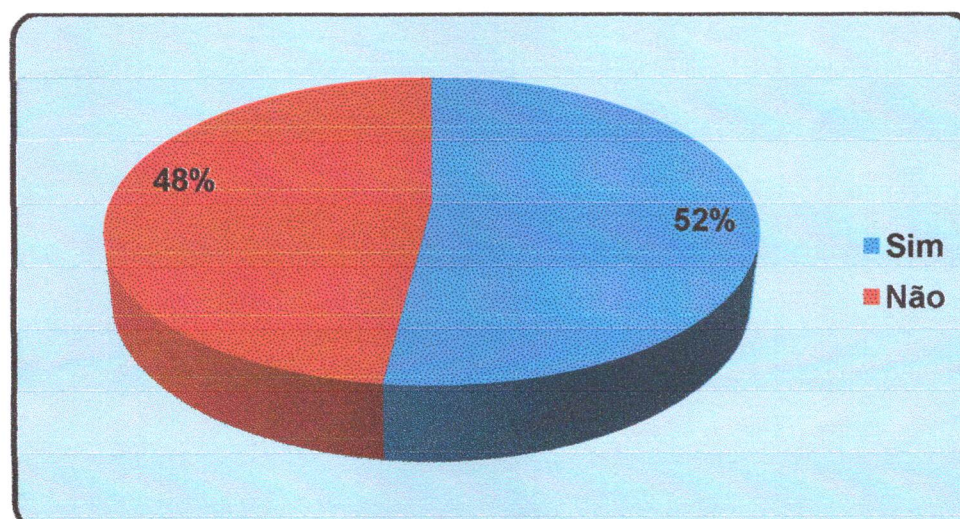


GRÁFICO 07: Você gosta de estudar?

FONTE: Alunos da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Observa-se que 52% dizem que gostam de estudar, 48% afirmam que não gostam de estudar, vão para escola por motivação dos pais. Esses dados não são de admiração uma vez que se trata de um bairro periférico onde os atrativos fora da escola parecem mais chamativos do que dentro da escola, desta forma a presença da família é de fundamental importância para juntos da escola fazer com que o alunado adquira o gosto pelo estudo.

Foi perguntado ainda: Você trabalha?

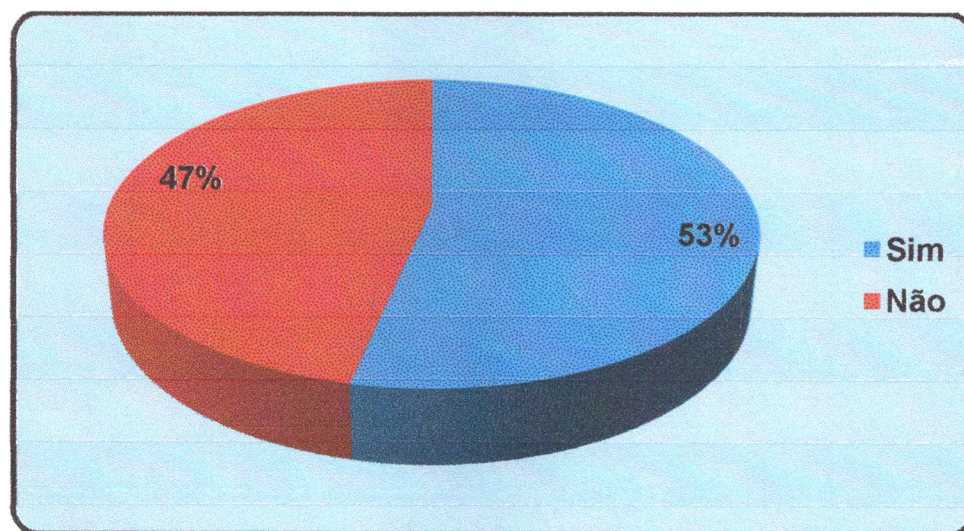


GRÁFICO 08: Você trabalha?

FONTE: Alunos da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Mesmo os entrevistados sendo do turno vespertino, a maioria trabalha cerca de 53% seja meio período em mercados ou em casa ajudando seus familiares com os afazeres domésticos, e outros 47% não trabalham formalmente. Percebe-se que esses alunos já desenvolvem alguma ocupação profissional.

Os alunos responderam a mais uma indagação: Até onde você deseja ir com seus estudos?

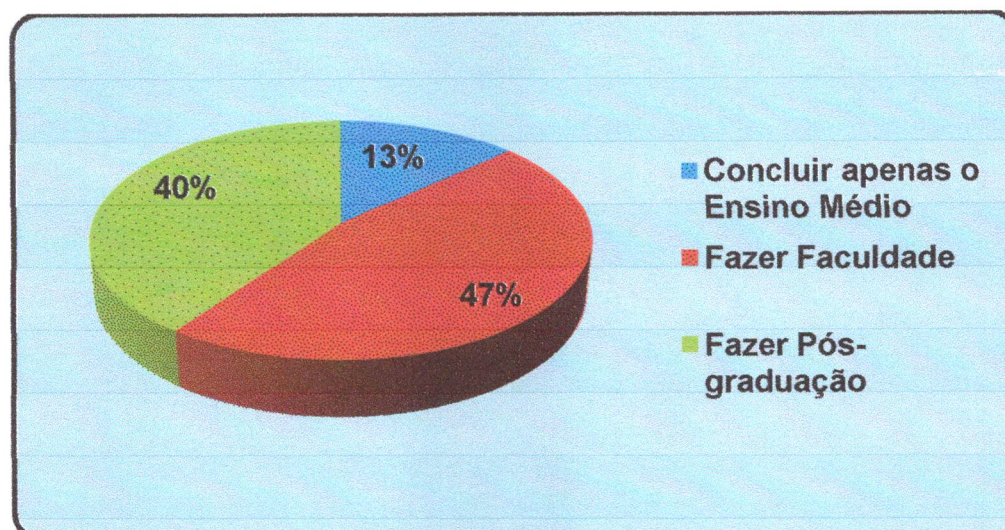


GRÁFICO 09: Até onde você deseja ir com seus estudos?

FONTE: Alunos da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Satisfatoriamente a minoria dos alunos, cerca de 13% pensa em apenas concluir o ensino médio, e outros 47% querem estudar numa faculdade, complementando com 40% que querem chegar até a pós-graduação, um dado muito relevante onde mostra que os alunos buscam galgar horizontes ainda mais altos em sua jornada de formação.

Perguntou-se: Você está satisfeito com a forma de gerenciamento da escola?

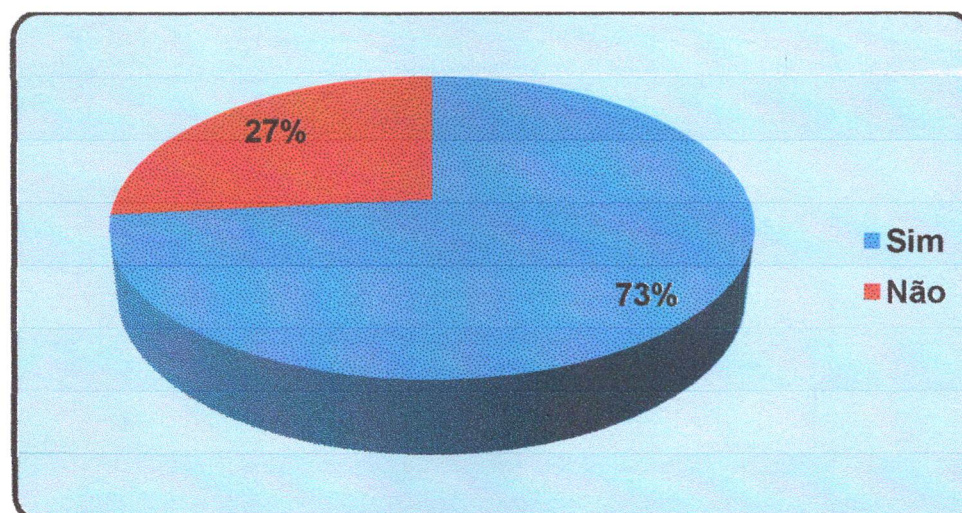


GRÁFICO 10: Você está satisfeito com a forma de gerenciamento de sua escola?

FONTE: Alunos da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

De acordo com gráfico acima a maioria dos alunos 73% está satisfeita com a forma de gestão da escola e apenas 27% acredita que poderia ser melhor, a forma de gestão principalmente nessa modalidade e de fundamental importância para a permanência desses alunos em sala de aula.

Os alunos responderam ainda sobre: Como está sendo sua aprendizagem?

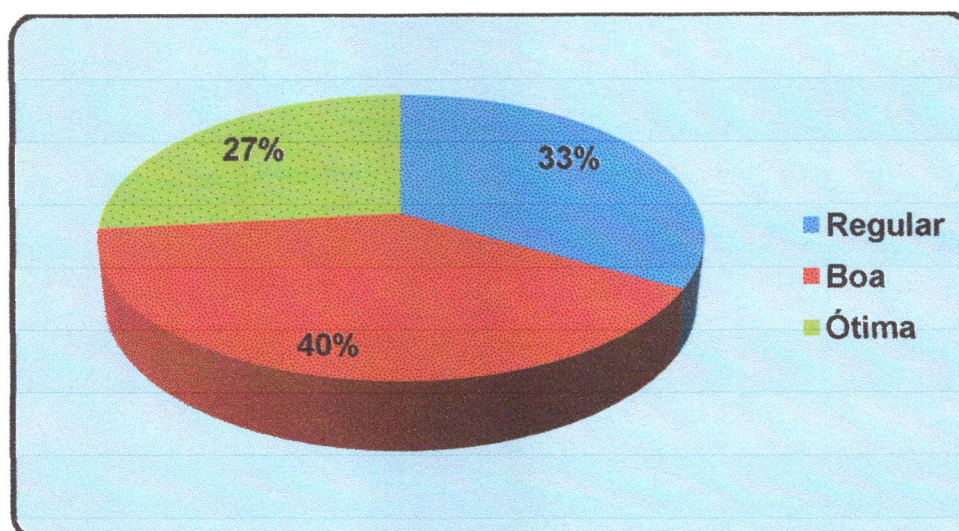


GRÁFICO 11: Como está sendo sua aprendizagem?

FONTE: Alunos da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Indo de encontro à teorias que caracterizam que a modalidade tem uma aprendizagem mais lenta por ser bem condensada, o gráfico acima mostra que 40% dos entrevistados acredita ser boa a aprendizagem, 27% ótima e apenas 33% dizem que é regular, afirmando com isso que há uma aprendizagem sim na modalidade uma vez que os jovens e adultos já sabem bem o que querem e tem que buscar a aprendizagem.

Perguntou-se: Teve, em alguma fase da vida, que interromper os estudos?

ALUNO	RESPOSTAS
A1	Sim, por que eu queria só saber de brincar com os estudos;
A2	Sim
A3	Não, porque nunca precisei interromper;
A4	Não
A5	Não
A6	Sim, por causa da minha idade sempre todo ano tenho que troca de escola e trabalho;
A7	Sim, minha mãe sofreu um acidente de moto e tive que viajar com ela;
A8	Não, na verdade não houve um interrompimento eu apenas reprovei por falta de interesse;
A9	Não
A10	Não
A11	Sim, falta de tempo por causa do trabalho
A12	Sim, por que eu tive que trabalhar na farmácia do meu tio.
A13	Sim, fiquei doente.
A14	Sim, por que parei para trabalhar.
A15	Sim, por que meus pais se separaram, então isso interferiu meus estudos

QUADRO 10: Teve, em alguma fase da vida, que interromper os estudos?

FONTE: Alunos da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Há sempre em algum momento da vida a ocorrência de problemas que possam interferir a vida escolar de determinados alunos mais na EJA a ocorrência é bem maior uma vez que se trata de adultos que tem responsabilidade de trabalho e

sustento da família e acabam por desistir no meio do processo de ensino, chegam dessa forma e iniciarem o ano letivo por diversas vezes sem êxito de conclusão de ano letivo.

Percebe-se que a sala de aula está cada vez mais sem atrativos e os alunos cada vez mais desinteressados de seu modelo clássico baseado na transmissão de “conhecimentos” por memorização e reprodução, ocasionando assim o desinteresse pela escola e pelos estudos. No entanto o mundo está exigindo, cada vez mais, que as pessoas saiam da escola com capacidade para aprender a aprender, a pensar, a resolver problemas, a ser criativo, crítico, autônomo, capaz de interagir com outras pessoas. O mundo precisa de pessoas que tenham condições de se comunicar eficientemente e competência para atuar de maneira consciente, responsável, construtiva e solidária na sociedade. (VILLELA, 2006:42).

Perguntou-se: Por que você escolheu o turno da tarde para estudar?

PROFº	RESPOSTAS
P1	Por que era a única opção;
P2	Para ajudar minha avó em casa, pois ela não pode fazer muito esforço;
P3	Por que é melhor e também preciso ajudar minha avó na casa etc
P4	Bem foi o horário mais acessível para mim e meus pais. Pois eles são ocupados no período da manhã.
P5	Por que é melhor do que estudar de manhã;
P6	Por que é mais movimentado e os professores explicam com mais paciência.
P7	É mais próprio pra mim
P8	Por que é um horário mais acessível;
P9	Pra ajuda a minha mãe em casa por que ela trabalha
P10	Por que esse horário é melhor para eu aprender e não é tumultuado como a noite
P11	Por que só tinha a tarde
P12	Não tenho nada pra fazer a tarde
P13	Porque não queria estudar a noite, e mais perigoso.
P14	Por que de manhã eu trabalho
P15	Foi meus pais que escolheu

QUADRO 11: Por que você escolheu o turno da tarde para estudar?

FONTE: Alunos da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Com a determinação dos alunos a partir dos 15 anos de idade ainda cursando no ensino fundamental ser clientela de EJA, fez com que no município ofertasse turmas em turnos que até o momento não tinha vespertino e matutino, através da pesquisa percebe-se que essa nova oferta dessa modalidade ganhou em número de alunos e até o presente momento mostrou-se com menos evasão se compararmos com o noturno.

Perguntou-se: Como são as aulas na Educação de Jovens e Adultos (EJA)?

RESPOSTAS	%
As matérias são importantes e prendem a atenção dos alunos;	40%

Interessantes por que sempre tem conteúdos legais;	47%
Aulas cansativas;	13%

QUADRO 12: Como são as aulas na Educação de Jovens e Adultos (EJA)?

FONTE: Alunos da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Alguns problemas na gestão dizem respeito à organização didático-pedagógico na EJA, que não atende de maneira pertinente a essa modalidade de ensino e ao perfil dos alunos, inibindo os processos educativos. Cerca de 40% dizem que as matérias são importantes e prende a atenção dos alunos, 47% acham interessante por que sempre tem conteúdos que julgam legais e 13% acreditam que as aulas são cansativas. Percebe-se na resposta dos alunos que os mesmos gostam das aulas na Educação de Jovens e Adulto, pois nessa modalidade também os conteúdos são interessantes para o aluno, basta que o professor possa diversificar suas metodologias para chamar a atenção dos seus alunos.

Indagou-se aos alunos acerca de: Como é a relação professor-aluno?

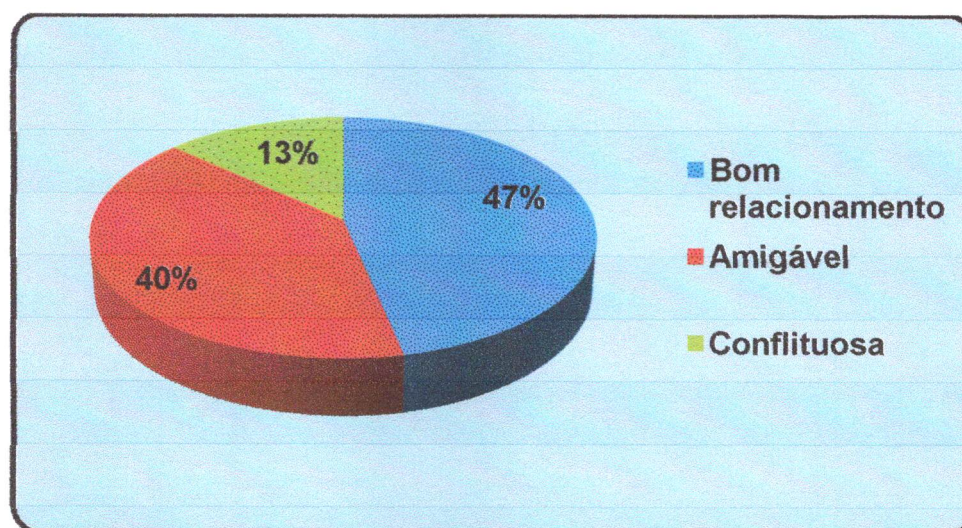


GRÁFICO 12: Como é a relação professor-aluno?

FONTE: Alunos da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Os alunos em sua maioria 47% responderam que tem um bom relacionamento com os professores, outros 40% acreditam ser amigável e apenas 13% dizem ser conflituosa. A maioria dos professores já vê a EJA de forma diferente, dando mais atenção a qual a modalidade precisa, pois não é uma clientela só de adolescente, também há pessoa adultas e exigem aulas mais dinâmica e que lhes imponham mais responsabilidade. Diante disso:

O professor reflexivo é aquele que reflete sobre sua atuação em sala de aula, construindo conhecimento a partir da sua prática pedagógica, estando aberto a mudanças e trabalhando com dedicação e comprometimento com

seus alunos, para o desenvolvimento de suas aprendizagens. (FUCK, 1993:92)

Diante da afirmação do autor entende-se que o professor deve construir os conhecimentos a partir das experiências dos alunos, contribuindo assim para um processo de ensino favorável ao entendimento desse aluno.

Finaliza-se com a pergunta sobre: A forma de avaliação utilizada:

RESPOSTAS	%
Deixa nervoso (a)	20%
Pensa em desistir por não ter muito tempo de estudar para as provas	7%
Pensa em desistir por ter muita dificuldade e medo de não passar para o ano seguinte	13%
Não vê problemas no método de avaliação.	60%

QUADRO13:A forma de avaliação utilizada?

FONTE: Alunos da Escola Joaquim Caetano Corrêa (2016)

Ser avaliado é sempre um momento em que o aluno tem que mostrar que os conteúdos estudados foram aprendidos, na turma entrevistada 7% pensa em desistir por não ter muito tempo para estudar para as provas, 13% pensa em desistir por ter muita dificuldade e medo de não passar para o ano seguinte, 20% fica nervoso e 60% não veem problemas no método de avaliação. Percebe-se que a maioria concorda com a forma que são avaliados pelos seus professores.

3.4 PROPOSTA

A intervenção pedagógica proposta por esse trabalho passa inicialmente por um processo de planejamento de atividades e momentos reflexivos sobre a prática docente, que devem fornecer flexibilidade e abertura para novas possibilidades durante a sua execução.

Percebeu-se que alguns professores não acreditam na modalidade e alguns alunos vão também sem interesse para as aulas e acaba um desmotivando o outro. Para que isso não ocorra precisa-se de professores comprometidos em fazer dá certo, com dinâmicas diferenciadas do ensino fundamental normal para assim fazer com que esse aluno queira aprender e permaneçam em sala de aula até o termino do ano letivo.

- Desenvolver palestras para estimular os professores e mostrar a sua importância para o desenvolvimento do aluno da EJA;
- Oferecer cursos de formação continuada para melhorar a prática docente na educação de jovens e adultos;

- Elaborar projetos para estimular o desenvolvimento da leitura por esses alunos;
- Convocar as famílias para a participação na educação dos seus filhos.

Espera-se que o presente estudo venha contribuir com a reflexão da temática sobre o letramento do aluno da EJA, e oportunizar uma educação de qualidade para esse publico que necessita de toda atenção de seus educadores para que os seus objetivos educacionais sejam alcançados.

CONCLUSÃO

O presente estudo possibilitou refletir sobre o ensino de EJA, a sua prática educativa, a EJA tem papel fundamental no impulso do conhecimento, tendo um grande potencial de tornar o espaço de aprendizagem em um ambiente propício para sanar dúvidas, medos e questões, o que permite ampliar o desenvolvimento intelectual. A vivência dos alunos pelo professor, o mesmo pode fazer com que a educação tenha sentido para seu aluno, através da mediação do conhecimento. Ao educador cabe a construção e socialização dos conhecimentos, tornando-os os sujeitos da EJA críticos com valores e atitudes formadas, partindo de uma postura ética e transformadora.

Na instituição observada constatou-se a necessidade de adaptar os documentos norteadores do trabalho pedagógico às especificidades do público que atende, sendo necessário colocar em prática orientações voltadas exclusivamente para a EJA. Em relação aos impasses e desafios, dois aspectos se tornaram evidentes na visão dos professores: a falta de uma formação específica para o professor de EJA e a evasão, já que o número de alunos que se matricula no início do ano é bem elevado, porém, no decorrer do ano, o número de matrículas diminui.

O professor da EJA deve estar atento à autoestima de seus alunos jovens e adultos, porque possuem características próprias, por isso sua aprendizagem é diferenciada, o que exige do professor mais criatividade, atividades variadas e significativas e elogios sinceros.

O rendimento do jovem e adulto é mais lento, pois a diminuição de sua capacidade física, de memorização, a falta de motivação, as tentativas mal sucedidas e o medo de enfrentar o novo geram inseguranças no aprendizado, desestimulando-os a frequentar a escola.

Estes alunos necessitam de condições para enfrentar os desafios surgidos nas situações de ensino e aprendizagem e nos contextos do trabalho, da família e da comunidade da qual fazem parte. Assim, o professor deve conhecer-lhes as características para agir e pensar de acordo com a sua realidade a fim de que haja enriquecimento do trabalho em sala de aula.

Conclui-se que a escola que não valoriza os alunos e suas contribuições individuais, que se ocupa em torná-los cegamente obedientes, destaca mais os seus

erros do que suas conquistas e privilegia a disciplina sobre a liberdade e a criatividade, forma pessoas tímidas, inseguras, que não se consideram capazes nem merecedoras da felicidade.

Espera-se que este trabalho de conclusão de curso possa contribuir para o melhor entendimento sobre letramento de jovens e adultos na EJA no ambiente escolar.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail /VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2003.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL, LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências**. Brasília, 1971

BRASIL. **Plano Nacional de Educação - PNE/Ministério da Educação**. Brasília, DF: INEP, 2001.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5692 de 11.08.71, capítulo IV. Ensino Supletivo. Legislação do Ensino Supletivo, MEC, DFU, Departamento de Documentação e Divulgação, Brasília, 1974.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: 1996.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/** ministério da educação secretaria de educação fundamental. 3ª edição, 2001.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Parecer ceb 11/2000. Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos. Brasília: MEC, 2000.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. - Características da investigação qualitativa. In: **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Porto Editora, 1994.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização & Linguística**. Editora Scipione. São Paulo, 1991.

CALHÁU, M. do S. M. Planejamento e avaliação. In: **Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos**. Brasília, v. 10, p. 53-61, 1999.

CIRINO, R. B.; HARACEMIV, Sonia M. C.; SOEK, Ana Maria. **Prática Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação. Coordenação de Integração de Políticas de Educação a Distância. Curitiba: UFPR/CIPEAD, 2010.

COMENIUS, João Amós . Didactica magna; tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1984

DI PIERRO, Maria Clara: Joia, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos cedes**, ano XXI, nº. 55, novembro/ 2001.

FEIL, Iselda T. Sausen. Alfabetização: um diálogo de experiências. 2.ed. rev. e ampl. Ijuí: Unijui, 2004.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, Emilia. Com todas as letras, tradução de Maria Zilda da Cunha Lopes, retradução e cotejo de texto Sandra Trabucco Valenzuela- 13ª edição – São Paulo: Cortez, 2005.

FERREIRO, Emilia. Reflexão sobre alfabetização/ Emilia Ferreiro: Tradução Horácio Gonzales (et. al.), 24 ed. atualizada – são Paulo: Cortez, 2001. – (coleção questões da nossa época; v. 14)

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo. **Conscientização – teoria e prática da liberdade**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUCK I. T. Alfabetização de adultos: relato de uma experiência construtivista. Petrópolis: Vozes, 1993.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. História da educação brasileira/Paulo Ghiraldelli JR. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GATTI, Bernardete A. A formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

JATOBÁ, A. L. P. et al. Escola Pública: espaço de compromisso ético. In: Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, v. 10, p. 89-96, 1999

KLEIMAN, Ângela. (Org). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2007.

KRAMER, Sonia. In. Ensino Fundamental 9 anos- orientações pedagógicas para os anos iniciais. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Curitiba, 2010.

KUENZER, A. et al. Planejamento e educação no Brasil. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LIBANEO, José Carlos. Didática (coleção magistério. Serie formação do professor). 28ª reimpressão. Cortez, São Paulo, 1991.

LUCKESI, Cipriano et. al. **Fazer universidade**; uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, Maria Helena Franco. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MOLL, Jaqueline. Educação de Jovens e Adultos. Porto Alegre: mediação, 2004.

NASCIMENTO, Marlei Gomes do. Sobre o Período Preparatório para a Alfabetização. In: Leitura: Teoria e Prática. Revista Semestral da Associação de Leitura do Brasil. Ano 9, Dezembro de 1990.

NEVES, Fabrício Monteiro. **O método Lancasteriano e o projeto de formação disciplinar do povo** (São Paulo, 1808-1889). 2003. 293 f. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2003.

PINTO, Álvaro Vieira sete lições sobre educação de adultos/ introdução e entrevista de Dermeval Saviani e Betty Antunes de Oliveira: versão final revista pelo autor. – 15ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SABINSON, Maria Laura Trindade Mayrink -. O que se Ensina quando se Ensina a Ler e Escrever? Ensina-se, mesmo, a Ler e a Escrever? In: Leitura: Teoria e Prática. Revista Semestral da Associação de Leitura do Brasil. Ano 20, Março de 1998, número 38: ALB, Mercado Aberto.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. 26ª Reunião Anual da Anped, 2004.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2005. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2. Ed.- Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 1999.

SOEK, Ana Maria. **Mediação pedagógica na alfabetização de jovens e adultos**. Curitiba: Ed. Positivo, 2009

SMOLKA, A. L. B. A criança na fase inicial da escrita: alfabetização no processo discursivo. São Paulo: Cortez, 1993.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VILLELA, Cláudia. Educação e cidadania. Revista Pedagógica Pátio. Ano IX, n. 36, Porto Alegre: Artmed. Nov.2005/ jan.2006

APÊNDICES



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA

FACULDADE DE ITAITUBA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Credenciada pela Portaria do Mec nº 2557 DOU 12/09/2003

Av. Governador Fernando Guilhon, 4ª rua, 895, Jardim das Araras-Itaituba/PA.

Este questionário tem como finalidade contribuir para o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, intitulado: (LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS DA EJA: Percepções de alunos e professores da Escola municipal de Ensino Fundamental Joaquim Caetano Corrêa, Itaituba Pará).

ENTREVISTAS DE CAMPO – ALUNO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Idade: _____

1.3 Sexo: () feminino () masculino

1.4 Qual o seu estado civil? () Solteiro () Casado() União Estável () Outros

1.5 Quantidade de filhos? () 0 () 1 ou 2 () 3 ou 4 () 5 ou mais

2 Questões do tema:

2.1 Qual a sua série?

() 3º Etapa () 4º Etapa

2.2 Como você percebe seu professor?

() Uma pessoa comum () Uma pessoa despreparada

() Um facilitador () Um mestre

2.3 Você tem incentivo dos seus pais para estudar?

() Sim () Não

2.4 Você gosta de estudar?

() Sim () Não

2.5 Você trabalha?

() Sim () Não

2.6 Até onde você deseja ir com seus estudos?

() Concluir apenas o médio () Fazer faculdade () Fazer pós-graduação

2.7 Você está satisfeito com a forma de gerenciamento de sua escola?

() Sim () Não

2.8 Como está sendo sua aprendizagem?

() regular () boa () ótima

2.9 Teve, em alguma fase de sua vida, que interromper seus estudos?

() Sim () Não

Porque? _____

2.10 Por que você escolheu o turno da tarde para estudar?**2.11 Como são as aulas na Educação de Jovens e Adultos (EJA)?**

() As matérias são importantes e prendem a atenção dos alunos;

() Interessantes por sempre ter conteúdos legais;

() Chatas e fora da realidade em que vive;

() Aulas cansativas;

() Não desperta o interesse.

2.12 Como é a relação professor-aluno?

() Bom relacionamento na sala de aula;

() Amigável ;

() Conflituosa;

() Autoritária;

() Pensa em desistir dos estudos, as vezes, devido ao mal relacionamento.

2.13 A forma de avaliação utilizada:

() Deixa nervoso(a);

() Pensa em desistir por não ter muito tempo de estudar para as provas;

() Pensa em desistir por ter muita dificuldade e medo de não passar para o ano seguinte;

() Não vê problemas no método de avaliação.



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA

FACULDADE DE ITAITUBA -- FAI

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Credenciada pela Portaria do Mec nº 2557 DOU 12/09/2003

Av. Governador Fernando Guilhon, 4ª rua, 895, Jardim das Araras-Itaituba-PA.

Este questionário tem como finalidade contribuir para o Trabalho de Conclusão de Curso--TCC, intitulado: (LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS DA EJA: Percepções de alunos e professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Caetano Corrêa, Itaituba Pará).

ENTREVISTAS DE CAMPO – PROFESSOR

1. Identificação

1.1 Nome: _____

1.2 Idade: _____

1.3 Sexo: () feminino () masculino

1.4 Tempo de atuação na EJA: 1 a 5 anos() 6 a 10 anos() 11 a 15 anos ()

1.5 Formação: _____

1.6 Tempo de trabalho na instituição atual: _____

2 Questões do tema:

2.1 O que o levou a escolher a EJA para lecionar?

() Nada em particular () Identificou-se () Oportunidade de trabalho

() Indisponibilidade de vagas em outros turnos () Não sei

2.2 Qual o papel do professor ao lecionar na turma da EJA?

() Estimular a aprendizagem () Transmitir conteúdos

() Desânimo () Compreender a realidade do aluno

2.3 Qual o seu maior desafio em lecionar como professor da EJA?

() Evasão () Desânimo () Falta de material didático apropriado

2.4 Quais os maiores problemas/desafios encontrados com relação aos alunos da EJA?

- ☐ Falta de tempo ☐ Cansaço físico
☐ Horário de início das aulas ☐ Falta de apoio da família

2.5 Você acredita que a EJA traz relevância para a vida pessoal dos alunos?

- ☐ sim ☐ não

2.6 De que forma os jovens e adultos se integram no mundo por meio da aprendizagem da leitura e da escrita?

2.7 Como o educador desenvolve a leitura e a escrita em jovens e adultos?

2.8 Enquanto professor da EJA quais as maiores dificuldades que você tem encontrado? Enumere de 1 a 4.

- ☐ Evasão escolar ☐ Limitação de material didático
☐ Desinteresse dos alunos ☐ Ambiente desfavorável

2.9 Quais os métodos que você utiliza para trabalhar com os alunos da EJA?

- ☐ Revistas, jornais, dinâmicas ☐ Vídeos, Filmes, data show e outros
☐ Projetos ☐ Aula expositiva, apostila, livros.

2.10 Que atitudes a escola tem tomado no sentido de ampliar as práticas do letramento?

2.11 Aproximadamente, quantos % de alunos conseguem concluir a EJA na sua visão?

- ☐ 10 a 30% ☐ 30 a 50% ☐ 50 a 100%